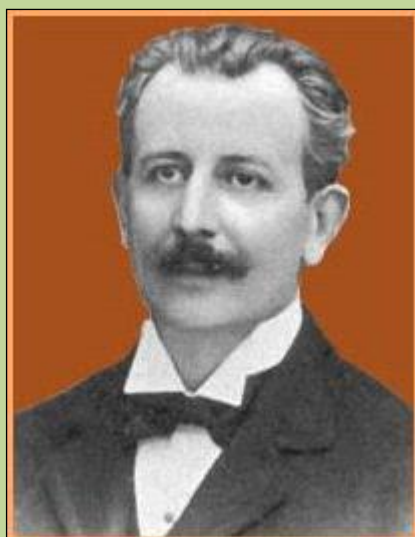


Paul Bodier e Henri Regnault

Gabriel Delanne
sua vida, seu apostolado e sua obra



Gabriel Delanne
(1857 - 1926)

“Nada do que é feito em favor da grande
Causa Espírita pode estar perdido.”

Gabriel Delanne

Conteúdo resumido

Léon Denis e Gabriel Delanne foram os dois mais importantes discípulos de Allan Kardec, no trabalho de dar continuidade à divulgação do Espiritismo no mundo.

A vida e a obra de Gabriel Delanne são retratadas de forma compacta nesta obra, por Bodier e Regnault, que tiveram grandes dificuldades em reunir dados biográficos desse grande obreiro espírita, pois sua modéstia o levava a omitir informações sobre sua vida pessoal.

Nesta obra conheceremos um pouco da missão do fiel seguidor, obreiro incansável, divulgador eloqüente e profundo conhecedor da obra de Kardec, já que Delanne foi educado por pais conhecedores e praticantes do Espiritismo e, portanto, os preceitos espíritas faziam parte, naturalmente, de sua vida e de seu pensamento.

Prefácio

Após a morte de Allan Kardec, o Espiritismo que ele havia codificado só teve, como defensores sérios, raros discípulos cujos tímidos esforços foram embaraçados, em muitas circunstâncias, por uma ciência oficial apegada às velhas fórmulas.

Além disso, uma multidão ignorante, presunçosa, não lhes poupou as zombarias que eram atizadas pelos sofistas religiosos, sempre ocupados em fazer sombra nos cérebros humanos, a fim de melhor dominá-los.

No meio desse caos, surgiram dois homens que, muito simplesmente, sem estardalhaço, sem vã publicidade, empreenderam dar ao Espiritismo desprezado a base moral indispensável para sua difusão.

Esses dois homens foram Léon Denis e Gabriel Delanne. Este último era filho de Alexandre Delanne, que foi amigo de Allan Kardec e um dos seus fervorosos discípulos.

Do ponto de vista científico, o que gênios literários, como Victor Hugo e Victorien Sardou, espíritas kardecistas convictos, não puderam criar, um antigo aluno da Escola Central ia conseguir e erguer o monumento duradouro, capaz de proporcionar aos pesquisadores conscienciosos todas as facilidades para prosseguirem nas buscas muitas vezes árduas, sempre delicadas, e obterem resultados realmente positivos com o método experimental tão caro aos cientistas.

Pareceu-nos que seria útil, na hora atual, escrever a biografia desse pesquisador de boa vontade; pareceu-nos necessário pôr em destaque seus magníficos trabalhos que lhe asseguram, no futuro, notoriedade quase igual à de Allan Kardec, de quem foi fiel discípulo e fervoroso admirador.

De fato, tanto quanto Kardec, ele acendeu, para os pesquisadores avisados e prudentes, uma luz que não deve jamais extinguir-se.

Graças a ela, todos poderão, doravante, avançar na estrada luminosa e transmitir a chama sagrada a todos os peregrinos da verdadeira Fé, que prosseguirão, por sua vez, no nobre esforço de seus antecessores para a conquista, cada vez maior, da Verdade, apoiada na Ciência e na Fé, definitivamente aliadas para seu triunfo.

Gabriel Delanne foi um bom obreiro, um hábil semeador desse bom grão que, apesar da aridez do solo, e apesar do que possam objetar os sectários ou os teóricos de uma ciência estreita e rotineira, frutificou e continua a se desenvolver, a crescer soberbamente diante dos olhos maravilhados dos pobres seres humanos, dignos de compreender o segredo da morte desconhecida, para melhor servir à vida, à vida triunfante, eterna e divina.

Embora a morte de Gabriel Delanne seja relativamente recente, temos tido muita dificuldade para reunir documentos sobre sua vida.

Agradecemos, pois, no início de nosso trabalho, a todos os que nos ajudaram, especialmente a sua filha adotiva, Suzanne Delanne, sua cunhada, Sra. Kurer, a Baronesa de Watteville, Sra. Ducel, Sra. Borderieux, o Prof. Charles Richet, Srs. Bouvier, Barrau, Andry-Bourgeois, o Capitão Côte e Jules Gaillard.¹

Paul Bodier, Henri Regnault

Apresentação da edição em língua portuguesa

GABRIEL DELANNE, sua vida, seu apostolado e sua obra.

O lançamento deste livro é o resultado do esforço de vários companheiros que se preocupam com a divulgação de fatos sobre as pessoas que tanto lutaram pela expansão da Doutrina Espírita. Gabriel Delanne é, sem dúvida, um desses poderosos “recrutadores para o exército do espírito”, no feliz dizer de Pascal Forthuny.²

A tradução deve-se, mais uma vez, ao confrade José Jorge, que, como bom espírita, cedeu gratuitamente os direitos de tradução ao Centro Espírita Léon Denis.

A obra preenche uma lacuna na bibliografia espírita do nosso país, porquanto pouco sabíamos sobre Gabriel Delanne e quase nada era encontrado sobre sua vida apostolar. Tomamos conhecimento da existência da biografia de Delanne no Livro *O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas*, de Deolindo Amorim, e após inúmeras pesquisas, fomos encontrá-lo, perdido, em uma biblioteca de Casa Espírita. De posse do único exemplar, e depois de providenciada a sua tradução, dirigimo-nos a Cláudia Bonmartin, que, solícita, atendeu a nosso apelo, enviando-nos as fotos francesas:

- Entrada do prédio em que está situada a Associação Francesa de Estudos de Fenômenos Psíquicos;
- Fundos do prédio da Sociedade Francesa de Estudos de Fenômenos Psíquicos;
- Túmulo da família Delanne, no Cemitério Père Lachaise.

Enviou-nos, ainda, xerox do *Compte Rendu*, que, juntamente com as fotos, enriquecem bastante o conteúdo deste livro.

Eis a história singela de como foi descoberto, traduzido e entregue ao público o livro *Gabriel Delanne – sua vida, seu apostolado e sua obra*. Que todos aproveitem de sua leitura.

Altivo Carissimi Pamphiro

CAPÍTULO I

A vida e a ação

Três homens, na França, mereceram, por seu devotamento à Ciência Espírita, serem chamados “Apóstolos do Espiritismo”. São eles: Allan Kardec, Léon Denis e Gabriel Delanne.

Apenas este último nasceu numa família que conhecia e praticava, desde vários anos, o Espiritismo.

Allan Kardec tinha 51 anos quando começou a se ocupar com as mesas girantes e Léon Denis viveu 16 anos sem ter ouvido falar de Espiritismo.

François-Marie-Gabriel Delanne nasceu em Paris, Rua do Caire, 21, em 23 de março de 1857.

Seu pai, Alexandre Delanne e sua mãe, Marie-Alexandrine Didelot, tinham uma modesta loja de artigos de higiene.

Alexandre Delanne viajava para seus negócios e sua esposa dirigia a loja.

Durante suas viagens, o pai de Gabriel Delanne ouviu um dia, em Caen, falar de Espiritismo pela primeira vez.³

Era domingo, no Café do “Grand Balcon”.

Perto dele, dois desconhecidos mantinham uma conversa, no meio da qual um deles afirmava a existência dos espíritos e sua comunicação possível com os vivos.

Alexandre Delanne não pôde evitar de zombar dele, mas, longe de se zangar, aquele a quem criticava lhe explicou rapidamente o que era o Espiritismo e lhe disse que um pensador, Allan Kardec, havia fundado, em Paris, uma sociedade espírita e aconselhou a leitura de certas obras escritas por esse homem.

De volta a Paris, alguns dias após, Alexandre Delanne contou essa conversa a sua esposa. Esta, já mais espiritualista, aconselhou-o a adquirir os livros recomendados.

Foi então que ele fez a leitura de *O Livro dos Espíritos* e de *O Livro dos Médiuns*. Esses volumes interessaram

profundamente Alexandre Delanne, que desejou conhecer o autor.

Acolhido fraternalmente por Allan Kardec, que morava então na Passagem Santa-Ana, foi convidado a assistir a uma das reuniões da sociedade recém-fundada.

O convite foi aceito com alegria. Numa noite de quarta-feira, Alexandre Delanne e sua esposa assistiram a uma sessão bem interessante e, na mesma ocasião, quiseram saber se algum deles possuía mediunidade.

“A exemplo do Mestre – escreveu mais tarde Alexandre Delanne –, dirigimos uma curta, mas fervorosa oração ao Ser Supremo e, sentados, minha mulher e eu, com o lápis numa folha de papel em branco, aguardamos, ansiosos e plenos de emoção, que o espírito quisesse manifestar-se.

De repente – ó maravilha! –, a mão de minha querida esposa se agitou. Movida por uma força invisível, traçou rapidamente linhas em zig-zague, depois palavras apenas esboçadas, através das quais, todavia, três bem legíveis brilhavam diante de nossos olhos estupefatos:

“Crede, orai, aguardai.”

Alexandre Delanne residia, então, na Rua Saint-Denis, na Casa dos Banhos São Salvador.

“Foi lá – escreveu ele (fins de 1889) – que fundamos nosso Grupo. Naquele lugar, durante dez anos, abrimos nossas portas e nossos corações a todos os homens de boa vontade.

Durante todo o tempo desse longo e laborioso período de proselitismo, não quisemos aceitar a colaboração de ninguém, apesar de nossa humilde e modesta posição social, a fim de conservar nossa inteira independência para dirigir nossos trabalhos e ter assim a maior liberdade para receber e instruir os neófitos.

Foi bom, porque jamais qualquer confusão, qualquer desordem perturbou nossas sessões.”⁴

A mãe de Gabriel Delanne tornou-se rapidamente uma excelente médium escrevente mecânica.

Não podemos deixar de assinalar uma passagem do *Voyage au Pays des Souvenirs (Viagem do País das Recordações)*, publicado por Alexandre Delanne, na revista *O Espiritismo*.

“Quantas mães – escreveu ele –,⁵ quantos filhos, quantos pais encontraram a esperança, reconhecendo seres que eles supunham para sempre perdidos! Quantas almas corroídas pela dúvida encontraram, enfim, seu caminho de Damasco.

Diante de semelhantes resultados, são esquecidas facilmente as lutas, as penas, as amarguras, as fadigas, os combates de toda sorte, suportados em face dos notáveis sucessos.

Quão belas recompensas morais pelo pouco de bem que se pôde fazer!...”

Citemos alguns fatos.

Numa noite de reuniões, nosso amigo Ledoyen, antigo livreiro do Palais Royal, membro da Sociedade Espírita de Paris, nos mandou dois estrangeiros que recebemos por sua solicitação.

Esses senhores assistiram à reunião como simples curiosos.

Naquela noite, a Sra. Potet, médium escrevente, obteve, mecanicamente, uma comunicação que não conseguiu ler.

Os hieróglifos passaram de mãos em mãos, mas dentre todos nós ninguém pôde decifrá-los, quando um dos dois visitantes pediu para ver a comunicação.

Qual não foi o seu espanto e o nosso, quando o desconhecido nos disse que aquela comunicação estava redigida em idioma piemontês, que ele ficou no dever de nos traduzir.

Convém destacar que esse fato típico impressionou seriamente os dois estrangeiros, porque nos pediram eles com insistência, no fim da reunião, lhes conceder uma sessão particular, isto é, recebê-los reservadamente, o que lhes foi concedido.

Em 30 de agosto de 1862, compareceram ao encontro e nos entregaram seus cartões de visita, sem qualquer qualificação.

“Para nos convencer melhor – disseram eles –, desejamos dirigir a um espírito que conhecemos uma evocação mental.”

Concordamos com o pedido; apenas combinamos que, para maior segurança, ele fosse feito numa folha de papel de modo claro e não vago.

Eles se submeteram a essa exigência e escreveram sua evocação em língua estrangeira.

Colocou-se o papel, dobrado em quatro, ao pé da lâmpada.

A Sra. Delanne apanhou sua caneta e o espírito escreveu mecanicamente as seguintes frases:

“Vocês me perguntam porque me opus, durante minha vida, à publicação do livro de Charles Albert, apesar de seu talento.

É que ele combatia os abusos do clero do qual eu fazia parte.

Eu o lamento e sofro por isso. Orem por mim.

Vosso cardeal, hoje um simples espírito.

Reservem o título de Eminência a um mais eminente do que eu”.

Assinado: *Lambrousquini.*”

Logo que terminou a comunicação e antes de ser dada a conhecer, pedimos a esses senhores para nos lerem o pedido escrito, que se achava sob a lâmpada.

Ei-lo, textualmente:

“Pedimos ao espírito de sua Eminência, o Cardeal Lambrousquini, que nos diga por que se opôs à publicação do livro que Charles Albert devia publicar.”

Nossos visitantes ficaram estupefatos com essa irrecusável prova de identidade.

Alexandre Delanne aproveitava todas as suas viagens para fazer uma propaganda intensa em favor do Espiritismo.

Era, portanto, normal que a família Delanne formasse adeptos fervorosos e pode-se citar entre eles o Sr. e a Sra. Pierre Potet,

que foram assim iniciados muito rapidamente, graças à mediunidade da Sra. Delanne.

Tal era o meio no qual nasceu Gabriel Delanne. Seus pais o educaram, por conseqüência, segundo o ensino moral do Espiritismo.

Desde sua infância, foi familiarizado com vocabulário espírita e assistiu, desde cedo, a numerosas e bem interessantes sessões.

O pai de Gabriel Delanne foi o primeiro a falar do Espiritismo em Béziers, mais tarde tornado um centro espírita importante.

A Sra. Ducel, presidente do Lar Espírita de Béziers e nossa colega na Comissão da União Espírita Francesa, nos narrou sobre isso uma recordação interessante.

“Alexandre Delanne, no decorrer de suas viagens, ficava no *Hôtel des Postes*, quando ia a Béziers.

Sentia-se contente em narrar que seu garoto, de sete anos, foi um dia interrogado sobre a profissão de seus pais.

Com uma encantadora ingenuidade, Gabriel respondera:

“Papai? Ele é espírita e mamãe também. Ela é uma boa médium. Espero, um dia, assim como minha mãe, poder honrar a minha fé.”

A Sra Ducel tornou-se espírita pela leitura do livro de Gabriel Delanne: *O Espiritismo perante a Ciência*.

Conheceu o autor somente em 1913, no Congresso de Gênova, e em seguida uma grande amizade nasceu entre eles.

Por vezes, no curso de suas conversas, a Sra. Ducel evocava, diante de Gabriel Delanne, a recordação de seu pai.

Ela lhe perguntou um dia se ele se lembrava de sua resposta infantil, que ela se alegrava em considerar como uma premonição.

“Perfeitamente”, respondeu Delanne.

Ele lhe falou, então, longamente, da mediunidade de sua mãe, mediunidade que lhe havia permitido jamais ter a menor dúvida sobre a verdade espírita, e afirmou que, bem pequeno, já convencido dessa realidade, esforçava-se em explicar o Espiritismo a seus coleguinhas, e – coisa maravilhosa! – conseguia convencê-los!”

Gabriel Delanne começou, pois, desde pouca idade, sua tarefa de apóstolo da mais nobre das causas.

Allan Kardec via freqüentemente a família Delanne, à qual dedicava uma viva amizade.

Em suas visitas, demonstrava muito prazer em levar brinquedos para o pequeno Gabriel, que ele costumava deixar pular familiarmente em seus joelhos.

Seria um simples sentimento de afeição? Não existiria no fundador do Espiritismo o pressentimento de que esse garoto saberia seguir seu exemplo e se tornaria, ele também, um dos apóstolos do Espiritismo?

Durante toda a sua vida terrena, Gabriel Delanne conservou sempre a preciosa recordação do mestre, que ele exaltou em todas as suas obras, em suas conferências e discursos.

Poderíamos fazer, sobre esse assunto, inúmeras citações, mas nos contentaremos em recordar o que ele dizia, em 23 de janeiro de 1887, em Lyon, cidade natal do mestre.

“Acreditamos, verdadeiramente, em Allan Kardec e continuaremos fiéis a seus princípios. Solidamente apoiados na Ciência, marcharemos corajosamente na rota que seu gênio nos traçou; com os olhos fixados nas consolações que nossa doutrina traz consigo, marcharemos para os grandiosos e ilimitados horizontes que ela nos descobre, marcharemos, afinal, sustentados pela força que dão o bom direito, a verdade e a Ciência, e tentaremos assim estabelecer a verdade das obras do mestre.”

Gabriel Delanne era muito modesto. Tornava-se difícil abordar com ele as questões que lhe diziam respeito diretamente,

recusando-se, por muitas vezes, a nos dar pormenores de sua juventude e de sua vida.

Tivemos, pois, muita dificuldade para conseguir as informações úteis, mas finalmente pudemos reconstituir sua vida.

Inicialmente, estive no Colégio de Cluny (Saône-et-Loire), em seguida, com seu irmão Ernesto, no Colégio de Gray (Haute-Saône), cidade onde morava uma de suas tias, cunhada de Alexandre Delanne.

Após brilhantes estudos científicos, Gabriel Delanne foi para a Escola Central das Artes e Manufaturas, onde entrou em 3 de novembro de 1876, mas desistiu, deixando a escola em 26 de janeiro de 1877.

Segundo informações que conseguimos obter, essa desistência foi motivada pela situação material de seus pais, que suportavam pesados sacrifícios para poderem dar a seu filho uma instrução sólida.

É interessante citar, desde agora, uma comunicação espontânea de Gabriel Delanne, recebida no momento em que decidiu consagrar-se inteiramente à propaganda espírita.

“Não temas nada – diziam-lhe –, tem confiança.

Do ponto de vista material, jamais serás rico, porém nada te faltará.”⁶

E isso se verificou por toda a existência do apóstolo do Espiritismo científico.

Gabriel Delanne entrou, como engenheiro, na Companhia de Ar Comprimido e Eletricidade Popp, onde permaneceu até 1892.

Trabalhando na Popp, Gabriel Delanne já era espírita militante. Tendo assistido em sua casa a numerosas sessões espíritas, alegrava-se em narrar uma delas, à qual assistira com a idade de 17 anos, portanto em 1874, na casa de seus pais, situada na Passagem Choiseul, 39 e 41.

Damos aqui a palavra a nosso amigo Charles Rousseau, que relata essa reunião na *Science de l'Âme (A Ciência da Alma)* de 16 de dezembro de 1924:

“O apartamento de Alexandre Delanne, ao qual se subia por uma escada existente na loja, tinha um salão bem amplo, onde se realizou a manifestação, em presença de uma vintena de pessoas, entre as quais umas bem cépticas.

O gabinete do médium tinha sido instalado no vão da janela; uma grande mesa, com seus dois acréscimos, ocupava toda a peça. Os assistentes estavam reunidos em volta dessa mesa, as cadeiras ficavam juntas à parede, tornando impossível qualquer circulação.

A extremidade da mesa tocava as cortinas do gabinete improvisado.

Fez-se a cadeia. O pai de Gabriel Delanne pôs seu pé sobre um dos pés do médium, enquanto que um outro assistente fazia o mesmo com o outro pé. É desnecessário acrescentar que todas as precauções foram tomadas para o mais rigoroso controle.

Uma caixa de música e um alto-falante se achavam sobre a mesa. Fez-se a obscuridade completa.⁷

Ao fim de alguns minutos, a caixa de música deixou a mesa e passou no ar, sobre os assistentes; depois, foi a vez do alto-falante, no qual uma voz sonora lançou algumas frases em inglês.”

Foi em 31 de março de 1880 que, pela primeira vez, Gabriel Delanne tomou parte ativa, no Cemitério Père Lachaise, na cerimônia anual comemorativa da desencarnação de Allan Kardec.

Já se notava o ardente desejo do militante espírita em fazer com que fosse compreendido o lado científico do Espiritismo.

“Allan Kardec – dizia ele – não veio trazer uma religião, não impôs nenhum culto. Sua moral é a de Jesus, destituída de qualquer falsa interpretação, mas o que ele doou à humanidade foi uma doutrina capaz de responder a todas as objeções da incredulidade e a todos os grandes problemas da razão.

Com efeito, até aqui, só temos analisado o lado moral de sua doutrina, porém seu estudo mais aprofundado nos mostra que, seguindo seus ensinamentos, pode-se chegar às mais belas descobertas científicas.

Se há um campo de estudos ainda inexplorado é o que compreende as relações entre o mundo invisível e o nosso.

Quantos problemas a resolver, antes de poder dar uma teoria científica dessas relações, mas um dia virá em que elas serão conhecidas como fenômenos estudados cientificamente e não serão mais segredo para nós.”

Terminado o seu discurso, Gabriel Delanne exclamava:

“Por seu exemplo, envidaremos todos os nossos esforços para expandir suas idéias e semear por toda parte a boa nova.”

O valente defensor do Espiritismo manteve essa solene promessa e, até seus últimos dias, trabalhou para tornar conhecida nossa ciência “*urbi et orbi*”.⁸

Em 14 de setembro de 1882, os dirigentes de Grupos Espíritas parisienses realizaram uma importante sessão, com o objetivo de estudar o programa de uma reunião organizada na Bélgica pelos espíritas locais, que haviam convidado os confrades franceses a comparecer.

Tratava-se de tentar agrupar os espíritas numa única e ampla associação.

Gabriel Delanne foi nomeado secretário dessa importante reunião presidida por P. G. Leymarie.

Isso prova a influência que ele já soubera adquirir nos meios espíritas franceses e belgas.

O resultado dessas importantes reuniões foi a criação de uma Federação Espírita Francesa e Belga.

Em 1883, essa Federação tornou-se Federação Francesa-Belgo-Latina.

Em março de 1883, quando foi publicado o primeiro número de uma nova revista bimestral, intitulada *Le Spiritisme*, Gabriel

Delanne, que estava entre os colaboradores dessa publicação, passou logo a ser seu redator geral.

Com seu pai, Alexandre Delanne, foi ele um dos fundadores da União Espírita Francesa (primeira com o nome),⁹ criada em Paris, na Salle de la Redoute, a 24 de dezembro de 1882, sob a presidência do Dr. Josset.

Toda primeira sexta-feira do mês havia uma reunião em Cochet, 167, Galeria de Valois. Nenhuma função era remunerada.

Em *Le Spiritisme*, anunciando uma Assembléia Geral da União Espírita Francesa, Gabriel Delanne, então secretário da Comissão, fazia o seguinte apelo:

“Pedimos, com insistência, a nossos irmãos que nos venham prestar sua colaboração gratuitamente.

Queremos perseverar no caminho do mais absoluto desprendimento e mostrar a todos que a fé espírita não é palavra vã e que se pôde pôr em prática, no décimo nono século, as máximas do Cristo, que expulsava os vendedores do Templo e dava de graça todos os seus ensinamentos.”

Os membros da Comissão da União Espírita Francesa se reuniam na casa de Alexandre Delanne, nas segundas, quartas e sextas-feiras do mês.

Essa sociedade tinha por fim principal reunir num só bloco todas as forças espíritas esparsas no país.

Os verdadeiros animadores da União Espírita Francesa e da revista *Le Spiritisme* eram Alexandre e Gabriel Delanne.

Graças a uma propaganda incansável e habilidosa, dissiparam bastantes prevenções e incompreensões que ainda existiam no interior do país contra o Espiritismo.

A Sra. Alexandre Delanne era também colaboradora de seu marido e de seu filho e a verdadeira tesoureira da Federação. Todas as assinaturas da revista ficavam sob seus cuidados.

A sede do jornal *Le Spiritisme* foi, inicialmente, na Passagem Choiseul, 39 e 41; depois, sucessivamente, Passagem Choiseul,

62 e Rua Delayrac, 38, onde a família Delanne havia fundado um Grupo Espírita.

Em 23 de janeiro de 1883, no Cemitério Père-Lachaise, Gabriel Delanne pronunciou um discurso, nos funerais da Sra. Allan Kardec, desencarnada em 21 de janeiro de 1883, com a idade de 88 anos, quatorze anos após a desencarnação do mestre.

Até o momento de sua morte, a Sra. Allan Kardec foi dotada de uma rara lucidez de espírito, de um juízo sadio e de experiência nas coisas da vida.

Lia sem óculos e sua escrita era correta, firme e todos encontravam nela um consolo, um bom conselho, que ela sempre dava com um sorriso gentil e agradável.¹⁰

Em seu discurso, Gabriel Delanne descreveu com precisão qual foi o papel daquela que conviveu com o mestre Allan Kardec.

“A Sra. Allan Kardec foi, verdadeiramente, a mulher forte, segundo o Evangelho. Tornando-se a esposa do grande vulgarizador do Espiritismo, adotou suas idéias. Empregou todas as suas energias no estudo dos novos princípios; venceu os preconceitos de seu século e de sua educação e se elevou, por sua vontade, até à altura do espírito de nosso mestre.

Ela provou, em seguida, pelo profundo apego que manteve por nossa maneira de ver, que o Espiritismo havia penetrado vivamente em seu coração.

Sim, essas grandes e sublimes verdades que nossa filosofia professa lhe deram a coragem de ajudar ardentemente o propagador da nova fé e sustentá-lo nas lutas muitas vezes penosas do apostolado.

A companheira de um homem superior sente quantos deveres particulares lhe cabem; não somente ela, como toda esposa devotada, tem a tarefa de o cercar de amor e de atenções, porém, além disso, tem também a santa missão de fortalecer sua alma nas horas dolorosas das provas. Deve acalmar os cruéis ferimentos que o ódio e o sarcasmo fazem ao coração dos campeões do progresso. Ela deve encontrar

essas boas palavras que são, para a alma, bálsamos soberanos. Deve, enfim, por sua energia, dar forças ao atleta fatigado.

Pois, bem, a Sra. Alan Kardec foi essa mulher; não faliu na alta missão que lhe foi confiada.

Durante as viagens de seu marido, pela França, ela o cercou com sua solicitude e sua perspicácia, confundindo, muitas vezes, pela segurança de seu julgamento, os que desejavam explorar a bondade tão conhecida do mestre.

Allan Kardec se inspirou em sua inteligência tão justa para a elaboração de suas obras; não publicou nenhuma, sem tê-la consultado, e muitas vezes aproveitou as sugestões que a retidão de julgamento de sua companheira fornecia.

É, pois, uma dupla perda que temos neste momento: a de uma mulher de coração, devotada às nossas idéias e a de uma colaboradora do homem de gênio que nós recordamos.”

Em 31 de março de 1883, Gabriel Delanne, na cerimônia comemorativa em homenagem ao mestre, falou as seguintes notáveis palavras:

“Não temamos divulgar nossa fé. Mais do que qualquer outra filosofia, o Espiritismo fortalece e penetra as almas com seus doces eflúvios.

Temos a convicção, façamo-la penetrar entre nossos irmãos; unamos nossos esforços para semear fartamente nossas idéias nas massas e marchemos para a conquista da sociedade moderna, apoiados, de um lado, na Ciência e, de outro, na razão.”

Gabriel Delanne já deixava prever as duas tendências de sua ação: mostrar que o Espiritismo não é oposto à Ciência e que é necessário propagá-lo em todos os meios, sem ter a pretensão acanhada de querer guardar a verdade para uma elite de homens cientistas e intelectuais.¹¹

No fim desse mesmo ano de 1883, Gabriel Delanne e J. Guérin tiveram uma interessante controvérsia pública sobre a encarnação de Jesus Cristo.

Esse interessante debate (aliás, fraternal) foi relatado na *Revista Espírita* de janeiro de 1884.

Para Gabriel Delanne, o Cristo é um ser excepcional, não pelo corpo, mas pela inteligência e pelo grau de evolução. A vida espiritual do Messias, porém, não constitui uma coisa suficiente para admitir uma natureza especial do Cristo.

“Segundo penso – escrevia Delanne –, o Cristo é um espírito eminentemente superior; é o modelo pelo qual devemos nos assemelhar; porém, entre Deus e ele a distância é ainda maior do que de nós para ele.”

Num dia de 1883, Gabriel Delanne recebeu uma carta de uma senhora, pedindo-lhe para ir a Versailles, onde ela morava, a fim de lhe dar conhecimento de uma coisa importante referente ao Espiritismo.

A carta, escrita em um papel inferior, estava redigida em termos bastante obscuros, num estilo descuidado, cheio, aliás, de erros de francês e de numerosas falhas de ortografia.

Lendo essa carta, Delanne teve a impressão de receber uma coisa bem ridícula. Teve mesmo um gesto de pouco caso e disse: “Mais uma infeliz que se diz conhecer o Espiritismo. Ah, meu Deus!”

Todavia, após refletir, decidiu ir ao encontro que lhe era assinalado. E, quanto mais refletia, mais sentia nele aumentar uma espécie de curiosidade, que o atraía quase irresistivelmente para sua correspondente, de quem, até então, jamais ouvira falar.

Dirigiu-se, pois, a Versailles, à residência indicada, que se achava num quarteirão distante, na extremidade de um subúrbio, nos fundos de um velho pátio sujo e numa casa antiga.

“Foi isso! – pensou Delanne –, estou perdido e não acontecerá nada de bom em minha visita. Enfim, vamos até o fim!”

Subiu, então, uma velha escada carcomida, que terminava num pequeno patamar de placas desconjuntadas, diante de uma porta rachada, cuja pintura era de uma cor indecisa. Um velho

cordão de campainha, cuja borla tinha sido arrancada, pendia lamentavelmente.

Gabriel Delanne, após analisar, num rápido olhar, esse bizarro conjunto, deu de ombros, mas decidiu, mesmo assim, tocar a campainha.

Esperou um bom momento e ia retirar-se; porém, logo depois tocou novamente uma segunda e uma terceira vez.

Então, atrás da porta, ouviu um passo pesado, depois a porta se entreabriu; uma figura de velha mulher se mostrou com sacrifício e uma voz rouquenha perguntou:

– Que deseja?

– É aqui que mora a Sra. d'E...? – indagou Delanne, mostrando a carta que havia recebido.

Diante disso, a mulher abriu a porta toda.

– Entre, entre!

E tomando Gabriel Delanne pela mão, fê-lo transpor bruscamente a porta e o introduziu num amplo cômodo, cujo mobiliário, bem sumário, era representado por uma mesa desconjuntada e duas velhas cadeiras semiquebradas.

Num canto do cômodo, uma enorme mala com bandas de couro ruço atraiu a atenção do visitante; na chaminé, um mármore quebrado, um candeeiro com uma vela meio gasta. Na parede, um desses relógios chamados “olho-de-boi”.

Enquanto Delanne examinava curiosamente esse cômodo, a velha senhora tinha apanhado uma cadeira e lhe pedia para se sentar, ao mesmo tempo em que se sentava noutro lugar.

Delanne, cada vez mais espantado, com um rápido exame observava sua interlocutora.

Calçada com grosso borzeguim, com um vestido de lã cinza, sem elegância, enormes óculos no nariz, os cabelos mal reunidos em um pesado coque que balançava e deixava escapar mechas grisalhas, tinha o aspecto que a imaginação popular empresta, com freqüência, às feiticeiras das lendas infernais.

Com um terrível acento inglês, a mulher, sem se importar com o exame de que era objeto, falava repetidamente a Gabriel

Delanne, cada vez mais espantado, que ela desejava fundar um pequeno jornal para divulgar o Espiritismo.

– Mas, senhora – responde Delanne –, é preciso dinheiro, porque isso custa caro.

Então, levantando-se, a mulher se dirigiu, com um passo pesado, para a mala que Gabriel havia visto ao entrar.

Ela a abriu, pegou um pacote de velhos papéis e do meio retirou uma enorme pasta de couro. De uma de suas divisões a senhora tirou cinco notas de mil francos que colocou tranqüilamente diante de Delanne.¹²

– Aqui está – disse ela –, para as primeiras despesas. Eu me arranjarei depois para lhe fornecer o que for necessário. Aceita redigir o jornal?

Gabriel Delanne, espantado, não se decidia a responder.

– Vamos, diga! – tornou ela, vivamente.

– Sim – articulou enfim Delanne –, e lhe agradeço, senhora, pelo interesse que parece ter pela difusão do Espiritismo.

– Não agradeça. Logo que o primeiro número esteja pronto, mande imprimi-lo e volte a me ver. Continuaremos juntos na propaganda em prol do Espiritismo.

Depois, levantando-se, sempre bruscamente, deu a entender que a entrevista terminara.

E foi assim que, graças à generosa inglesa, que não era outra senão a Sra. d'Espérance, ainda desconhecida na França naquela época, a revista *Le Spiritisme* veio a lume.

Gabriel Delanne gostava de contar a seus íntimos essa história.

Ele conservou, por toda a vida, a maior admiração por aquela que foi, um pouco mais tarde, uma admirável médium e que se tornou uma das pioneiras do Espiritismo kardecista.

Nós lhe rendemos aqui uma calorosa homenagem.

No mês de março de 1883, saiu o primeiro número do jornal *Le Spiritisme*.

Em 1884, Gabriel Delanne compareceu como delegado da União Espírita Francesa ao Congresso Espírita Belga, que se realizou em Bruxelas.

No início de abril de 1885, Delanne fez aparecer seu notável livro *O Espiritismo perante a Ciência*, que analisaremos mais adiante, assim como as demais obras do brilhante escritor.

É interessante notar que foi por essa época que Léon Denis publicou sua primeira brochura *O Porquê da Vida*, que data de setembro de 1885.

O início da atividade escrita dos dois grandes pioneiros do Espiritismo é, pois, mais ou menos paralelo.

No decorrer desse mesmo ano, Gabriel Delanne fez conferências em Paris, no interior e em Bruxelas; em dezembro de 1885, foi eleito vice-presidente da União Espírita Francesa.

No período de 1886 a 1890, fez numerosas conferências de propaganda.

Em 1890, seu irmão Ernesto se casou. Ernesto era também espírita, disso não fazia segredo e era amigo íntimo de Léon Denis.

A cunhada de Gabriel não era espírita, mas isso não o impediu de ter por ela uma afeição fraternal, que perdurou por toda a sua existência.

A Sra. Ernesto Delanne ajudava sua sogra em seu comércio. Seu marido viajava para o pai de dois em dois meses. Alexandre Delanne viajava constantemente e somente descansava no Natal, durante 12 dias, na época das férias gerais.

Gabriel Delanne não possuía uma boa saúde; já no momento do casamento de seu irmão, ele tinha uma predisposição à ataxia, o que se notava em seu andar. Não sentia necessidade de bengala para se movimentar, porém tinha um ligeiro defeito.

Sua visão jamais foi perfeita desde a infância; tivera um abcesso no olho esquerdo, o que o impedia de ver com esse olho, sendo essa a causa de sua dispensa do serviço militar.

Em 1892, Ernesto Delanne caiu gravemente enfermo e precisou deixar Paris com sua mulher; isso aborreceu muito a Gabriel Delanne, que nutria por seu irmão uma profunda afeição.

Enviando-lhe seu primeiro livro *O Espiritismo perante a Ciência*, pôs a seguinte dedicatória:

“A meu bem-amado irmão, homenagem do amor fraternal.”

Essa afeição existiu igualmente para com sua cunhada Noémie, com a qual manteve até à morte relações muito amistosas.

Em 1892, Gabriel Delanne deixou a Companhia Popp e tornou-se representante de uma outra casa comercial, pela qual viajou muito.

Seguindo o exemplo de seu pai, Gabriel aproveitou essas viagens para fazer uma propaganda intensa em favor do Espiritismo.

Ele encontrava-se na Algéria, em 1893, quando seu irmão Ernesto morreu, no dia 9 de julho, em Gray; foi para ele um grande sofrimento não poder assistir aos funerais.

Alexandre Delanne estava igualmente longe e não pôde voltar para dar assistência a sua nora, Noémie.

Ele viajava, naquele momento, para uma casa de acessórios em farmácia, porque em 1892 a família Delanne tinha sido atingida por uma catástrofe financeira, que obrigou-a a liquidar a loja da Passagem Choiseul.

Alexandre Delanne e sua esposa moravam então na Rua Saint-Honoré, perto da Igreja Saint-Roch, e somente ela assistiu ao enterro de seu filho Ernesto, que foi sepultado em Gray.

Se a esposa de Ernesto não era espírita, por ocasião da morte de seu marido, converteu-se, mas nunca teve o favor de receber uma comunicação dele.

Muitas vezes, especialmente com Gabriel Delanne, ela realizou sessões, porém jamais seu marido veio se manifestar.

Após os funerais de Ernesto Delanne, sua viúva foi se reunir com seu pai, que era comandante em Châlons.

A Sra. Alexandre Delanne, que havia recomeçado uma pequena loja comercial, morreu em 1894; após ser enterrada no cemitério de Bagneux, foi, em seguida, transladada, pelos cuidados de Gabriel, para o Père Lachaise, sendo seus restos colocados no jazigo da família, bem próximo do dólmen de Allan Kardec.

Em julho de 1896, apareceu o primeiro número da *Revista Científica e Moral do Espiritismo*, fundada por Gabriel Delanne.

De comum acordo, Gabriel e Jean Meyer, que estavam unidos por laços de forte amizade, combinaram que, por morte de seu fundador, essa revista, de tão grande interesse, deixaria de aparecer, para se fundir com a *Revista Espírita*.

O primeiro número tinha 64 páginas.

Após a exposição do programa da revista, havia um artigo de Gabriel Delanne sobre os raios X, a dupla vista dos sonâmbulos e dos médiuns. Firmin Nègre tratava dos destinos da alma humana e Bernard Viret apresentava uma crônica sobre Arte. Laville e Henri Sausse tinham escrito um artigo sobre o Espiritismo experimental; havia também um artigo de Gabriel Bourdain sobre o triunfo do Espiritismo, e Alexandre Delanne continuava a publicação de *Viagem ao País das Recordações*, que ele havia começado em *Le Spiritisme*.

Em outubro de 1896, Gabriel Delanne e o Dr. Moutin, o bem conhecido magnetizador, fizeram uma conferência na Salle Pétrelle, em Paris, sob o patrocínio da Federação Espírita. O Dr. Moutin comparou os processos do magnetismo e do hipnotismo, e Gabriel Delanne explicou as criações fluídicas segundo o Espiritismo.

A *Evolução Anímica*, terceiro livro publicado por Gabriel Delanne, apareceu em março de 1897; a introdução dessa obra tinha sido terminada em Gray, a 10 de agosto de 1895.

A 28 de março de 1896, Gabriel Delanne, para comemorar o aniversário da morte de Allan Kardec, fez, em Lyon, uma conferência sobre a força psíquica.

Foi no momento da fundação de sua revista que Gabriel Delanne se consagrou inteiramente ao Espiritismo, abandonando

completamente os negócios aos quais se entregara até então. Nessa época, morava em Paris, Rua Manuel, 5.

Hector Duville, fundador da escola prática de magnetismo e de massagem, teve a excelente idéia de fundar uma Universidade dos Altos Estudos, que era composta de três Faculdades, inteiramente independentes:

- Faculdade das Ciências Magnéticas;
- Faculdade das Ciências Herméticas;
- Faculdade das Ciências Espíritas.

A Faculdade das Ciências Espíritas foi dirigida por Gabriel Delanne; os cursos eram ministrados às terças-feiras, às 9 horas da noite, na sede da Federação Espírita, na Rua Château-d'Eau, 55.

Em junho de 1898 houve em Londres um importante Congresso Internacional, ao qual Gabriel Delanne compareceu como delegado da Seção Francesa da Federação Espírita Universal, da Federação Espírita Lionesa e da União Kardecista Italiana.

Apresentou um longo trabalho sobre as vidas sucessivas; esse estudo era bem completo e o autor remetia muitas vezes os congressistas às fontes onde ele havia baseado sua documentação.

Gabriel Delanne era igualmente um dos autores ¹³ do apelo aos espiritualistas científicos, apresentado ao Congresso de Londres, em nome do Sindicato da Imprensa Espiritualista de França.

Em novembro de 1898, o cinquentenário do Espiritismo era festejado pelos espíritas parisienses; duas conferências públicas e gratuitas tinham sido organizadas; elas foram feitas por Léon Denis e Gabriel Delanne; este expôs as manifestações diversas pelas quais o Espiritismo se constituiu. Dizia ele:

“É uma ciência sublime, que dá a solução do temível problema da morte e que leva em suas entranhas a regeneração da humanidade pela certeza absoluta de seus métodos.”

Foi em 1898 que Gabriel Delanne reencontrou sua cunhada Noémie. Esta, como já dissemos, deixou Gray em 1893, por ocasião da morte de seu marido, para ir a Châlons encontrar seu pai.

Noémie retornou a Paris em 1895 e reviu seu cunhado em 1898; este já estava doente.

Depois dessa época, eles continuaram suas relações afetuosamente fraternais, que não cessaram após o novo casamento da Sra. Noémie.

Em janeiro de 1899, a Federação Espírita Universal se transformou em Sociedade Francesa de Estudos dos Fenômenos Psíquicos, com o Dr. Moutin como presidente e Gabriel Delanne como vice-presidente.

Em seguida, Gabriel Delanne foi chamado para a presidência da dita Sociedade e é então que ela toma uma grande importância e se torna a verdadeira guardiã do Espiritismo kardecista.

Como presidente da Sociedade Francesa de Estudos dos Fenômenos Psíquicos, Gabriel Delanne foi um verdadeiro apóstolo. Recebeu com a mesma amenidade, com a mesma paciência, um número considerável de pessoas.

Todas, quaisquer que fossem suas opiniões, foram acolhidas com benevolência por Gabriel Delanne, que repetiu, para cada uma delas, incansavelmente, durante toda a sua existência, as mais claras e mais precisas explicações e aconselhou os mais práticos meios para o estudo racional do Espiritismo kardecista.

Servido por uma memória maravilhosa, Delanne era uma verdadeira enciclopédia viva e pode-se afirmar que o Espiritismo lhe deve, na hora atual, sua força e sua clareza científicas.

A Sociedade dirigida por Gabriel Delanne foi uma das que puderam crescer e prosperar sem interrupção; formou bons espíritas e experimentadores de primeira ordem.

Tudo que se fez de nobre, de generoso, saiu dela, e graças à atividade e à ciência de seu presidente, Gabriel Delanne, ela se consolidou.

Permaneceu ainda, não é elogio dizê-lo, a Sociedade dos humildes, porque os membros de sua diretoria acolheram, sem distinção de posição social, todos os que a procuravam em busca de uma ajuda moral e de um conforto.

A Sociedade tomou parte em todos os Congressos Internacionais e examinou atentamente os mais célebres médiuns, entre outros a famosa médium napolitana Eusapia Palladino.

Gabriel Delanne amava sua querida Sociedade com fervor.

Muitas vezes seus íntimos puderam ouvi-lo afirmar que a Sociedade Francesa de Estudos dos Fenômenos Psíquicos era a sociedade guia por excelência, porque tinha sempre difundido ardentemente o ensino do Espiritismo nos meios sociais.

Tudo que se fez pela difusão da filosofia espírita foi, com efeito, obra de Gabriel Delanne e de seus colaboradores.

Bem poucas sociedades espíritas fizeram, depois de Allan Kardec, um esforço tão grande, tão alentador, para o desenvolvimento da idéia espírita.

Convém reconhecer que Gabriel Delanne foi ajudado por colaboradores de primeira categoria. A exemplo de seu chefe, nenhum deles buscou jamais as vãs glórias de uma popularidade fácil e efêmera, nem a atenção dos poderosos.

Todos, sem exceção, só tiveram um objetivo: divulgar o Espiritismo e apresentá-lo sob sua verdadeira realidade, isto é, como a verdadeira doutrina de evolução útil à humanidade terrestre, mergulhada nas trevas do materialismo enganoso e perpetuamente enganada pelos dogmas impotentes das religiões agonizantes.

Quando a Federação Nacional dos Espíritas de França foi definitivamente fundada, em 1919, graças ao generoso concurso de um adepto de grande coração, Jean Meyer, a Sociedade Francesa de Estudos dos Fenômenos Psíquicos, no próprio interesse do Espiritismo, concordou em ser uma filial da nova Federação que tomava o título: União Espírita Francesa, tendo Delanne como presidente, que assim lhe dava duas vezes a vida.

Embora com um pouco de melancolia, Gabriel Delanne compreendeu a utilidade dessa transformação, dessa mudança de função e de quadros, porque sabia que as Sociedades, como os indivíduos, só podem ocupar um primeiro plano por algum tempo; que é necessário um repouso relativo e uma subordinação a uma nova ordem estabelecida entre dois esforços.

O que tão generosamente Gabriel Delanne quis, realizou-se plenamente! A Sociedade Francesa de Estudos dos Fenômenos Psíquicos tem o mérito de ter sido um verdadeiro agente de ligação entre todos os espíritas franceses; eis por que, todos os anos, ela teve a honra de organizar a cerimônia comemorativa diante do túmulo de Allan Kardec, no Cemitério Père Lachaise.

Em 26 de fevereiro de 1889, Gabriel Delanne fez uma conferência, com projeções, sobre os habitantes do mundo invisível, e a partir de 1º de abril do mesmo ano, fez, cada noite de terça-feira, na sede da Sociedade Francesa de Estudos dos Fenômenos Psíquicos, na Rua do Château-d'Eau, 55, uma série de conferências públicas e gratuitas sobre os fenômenos do Espiritismo.

Gabriel Delanne fez parte da Comissão de Organização, fundada em 7 de abril de 1889, para preparar os trabalhos do Congresso Espírita e Espiritualista de 1900.

A quarta obra de Gabriel Delanne tem por fim a demonstração experimental da imortalidade: ela é intitulada *A Alma é Imortal* e apareceu em junho de 1899.

Em dezembro de 1899, Gabriel Delanne fez, em Bruxelas, uma conferência sobre as provas da existência da alma.

Em setembro de 1900, realizou-se, na Sala dos Agricultores, em Paris, o Congresso Espírita e Espiritualista Internacional. Gabriel Delanne, na sessão de abertura, pronunciou um importante discurso, no qual constatou que o Espiritismo havia feito sua entrada no Congresso de Psicologia de 1900, o que provava que os espíritas têm “combatido o materialismo até em seu reduto”.

Nomeado Secretário-Geral da Seção Espírita, Gabriel Delanne foi delegado ao Congresso pela Sociedade Fraternal de

Lyon, pela Sociedade dos Estudos Magnéticos e Espíritas de Alexandria, na Itália, pelo círculo Espírita de San Remo, pelo Círculo Espírita de Algesiras e pela Sociedade Allan Kardec, de Porto Alegre (Brasil).

Gabriel Delanne conseguiu assistir às primeiras sessões do Congresso, mas a doença o manteve fora dos trabalhos e ele mesmo não pôde defender o Relatório sobre a reencarnação, que havia apresentado.

As unânimes manifestações de pesar expressas pelos congressistas figuram no relatório oficial e mostram que lugar preponderante Gabriel Delanne ocupava entre os espíritas franceses.

Depois de 1900, Gabriel Delanne havia deixado seu apartamento da Rua Manuel, para ir morar no Boulevard Exelmans, 40.

Foi lá que, a 2 de março de 1901, se extinguiu Alexandre Delanne, com a idade de 71 anos.

Esse homem, durante 40 anos, havia trabalhado pela divulgação do Espiritismo, pregando, ele mesmo, o exemplo e acolhendo com serenidade os reveses da fortuna, a morte de seu filho Ernesto e de sua esposa, cuja mediunidade lhe havia prestado tantos serviços.

Os funerais de Alexandre Delanne, inicialmente enterrado no Cemitério de Bagneux, como sua esposa, reuniram seus numerosos amigos; foram pronunciados discursos pelo General Fix, Laurent de Faget, Duval, Camille Chaigneau e Sra. Colin.

Suportando com coragem e resignação essa cruel prova, Gabriel Delanne, ele mesmo doente, não tinha podido usar da palavra. Na revista, assim se expressou:

“Batido pela fadiga e pela dor da separação, não pude dirigir a meu pai as palavras do afetuoso reconhecimento que meu coração sentia transbordar.

Quisera afirmar todos os meus agradecimentos para com ele.

Teria desejado tornar conhecida sua terna solicitude e seu amor pela família. Teria dito com qual devotamento admirável ele sempre me sustentou e que profundo interesse tomava pelo desenvolvimento do Espiritismo.

Diante de todos, eu lhe teria agradecido por me haver, desde a infância, ensinado essa magnífica Doutrina à qual devo hoje não estar abatido de tristeza. Teria lembrado seu infatigável ardor pela propaganda e feito ver que seu espírito, bem evoluído, compreendia os esplêndidos destinos reservados à nossa Doutrina, emancipadora de todas as ortodoxias e de todos os fanatismos.

As palavras que não pronunciei em seu túmulo venho publicar aqui, hoje, porque a primeira emoção passada me deixa mais livre o pensamento.

Tenho a certeza completa de que ele se juntou a todos os que amava, que o precederam no além.

Operário incansável, deixou nosso mundo visível, mas não para descansar das lutas terrestres.

Revigorado pelo amor dos seus, sinto e prevejo que ele prosseguirá seu apostolado.

Retorna à grande pátria do invisível, engrandecido e fortificado pelas provações tão corajosamente suportadas neste mundo.

Ele sempre me deu o exemplo do dever nobremente cumprido; sempre me sustentou moral e materialmente, para permitir que eu me consagrasse inteiramente ao Espiritismo.

Trabalhando ainda numa idade em que outros descansam, vinha em minha ajuda com um devotamento inesgotável.

Quero expressar-lhe, publicamente, meu reconhecimento e fazer saber a todos a grandeza de seu coração de pai, que não recuou diante de nenhum sacrifício para sustentar minha obra, que era também a sua.

Sei, seguramente, que, em virtude das leis da justiça eterna, ele usufrui hoje uma felicidade sem mescla e que

continuará velando por mim e trabalhando pela difusão desta Doutrina que lhe era tão querida.”

Gabriel Delanne não se confinou na dor e continuou sua tarefa de propagandista espírita, não somente prosseguindo na publicação da revista, mas ainda organizando palestras e respondendo ao apelo dos que lhe solicitavam para ir às suas cidades fazer conferências.

A partir de abril de 1901, ele fez, todas as noites de terças-feiras, às 8:30, uma conferência sobre o Espiritismo, na sede da Sociedade Francesa de Estudos dos Fenômenos Psíquicos, na rua Saint-Martin, 57.

Nos dias 5 e 12 de abril de 1901, sob os auspícios da Associação Politécnica, tratava, na Chapelle, do Espiritismo, do ponto de vista científico e moral, bem como das provas experimentais da existência da alma, após a morte.

Os cursos com as conferências das terças-feiras foram interrompidos de 15 de maio a 3 de junho de 1901, tendo Gabriel Delanne sido convidado para proferir uma série de conferências em Marselha, Avignon, Pont-Saint-Esprit e Lyon.

No curso dessas conferências ele teve ocasião de falar, mais uma vez, das experiências feitas com sua mãe; indicou que, sob a inspiração dos espíritos, ela escrevia duas linhas em russo e uma página e meia em dialeto italiano, língua e idioma que ela ignorava totalmente.

Ela havia reproduzido a escrita exata dos espíritos comunicantes.

Em 1901, Delanne continuou a série de suas conferências semanais gratuitas, na sede da Sociedade Francesa de Estudos dos Fenômenos Psíquicos.

Além disso, fez conferências em Paris, no interior e no estrangeiro.

Em 1904, Delanne travou conhecimento com o médium músico Aubert, com o qual manteve as mais cordiais e fraternais relações, até à morte deste último.

Nos primeiros meses do ano de 1905, querendo pôr em prática a solidariedade espírita, Delanne adotou uma garotinha de 7 meses, a menina Suzanne Rabotin, que viveu sempre perto dele.

Em junho de 1905, houve em Liège um Congresso Espírita; Gabriel Delanne lá compareceu. Os organizadores do Congresso aproveitaram a presença do célebre espírita francês para lhe solicitar uma conferência. Ele concordou em fazê-la e escolheu como tema: “A Exteriorização do Pensamento”.

A 12 de fevereiro do mesmo ano, já havia feito, no Ateneu Saint-Germain, de Paris, uma importante conferência sobre a obra de Allan Kardec, apreciada do ponto de vista experimental, científico e filosófico.

Essa conferência foi seguida da apresentação do médium músico Aubert.

Em 1905, fez várias conferências, mas aquele ano foi sobretudo marcado por uma ida a Alger, na casa do General e Sra. Noël, onde ele assistiu, em companhia do Professor Charles Richet, às experiências que têm dado lugar a tantas controvérsias.

Encontra-se a narração dessas experiências na *Revista Científica e Moral do Espiritismo*, dos anos de 1905 e 1906.

Delanne pronunciou, além disso, numerosas conferências sobre esse tema, porque era, antes de tudo, um experimentador sagaz, prudente e prevenido.

Sobre a Villa Carmen, somente podem julgar os que leram integralmente os trabalhos de Gabriel Delanne e Charles Richet sobre as experiências com Miller, nas quais Gabriel Delanne tomou parte, em 1906.

“Para mim – escreveu ele –,¹⁴ está absolutamente certo que Miller era um verdadeiro médium de materialização.

Ignoro, evidentemente, se ele pôde trapacear nas sessões às quais não pude assistir, mas é preciso ter receio de formular julgamentos precipitados e de declarar que, porque

um médium foi apanhado em flagrante delito de impostura, jamais possuísse faculdade mediúnica.”

Gabriel Delanne, desde sua adolescência, se apercebeu da credulidade excessiva de certos adeptos do Espiritismo e compreendeu que ela era um dos terríveis escolhos que impediam a rápida difusão da Doutrina.

Em 1906, já obrigado a andar com a ajuda de duas bengalas, foi, em agosto e setembro, a Cussey, nas redondezas de Lyon, onde ficava aos cuidados do seu amigo Bouvier.

Desde 1908, ele pôde passar cinco meses de cada ano em Nice, onde uns amigos lhe ofereciam uma casa muito bem situada; das janelas de seu quarto podia admirar o mar. Foi lá que ele trabalhou em sua importante obra *As Aparições Materializadas dos Vivos e dos Mortos*, que apareceu em fevereiro de 1911.

Cada ano, fosse na França ou fosse no estrangeiro, Delanne fazia conferências sempre muito concorridas.

Foi ele quem aconselhou Jean Meyer a escolher o Dr. Gustave Geley como diretor do Instituto Metapsíquico Internacional, quando de sua fundação, em 1919.

O Dr. Geley era igualmente um espírita e devemos, para celebrar sua memória, lembrá-lo aqui.

Em agosto de 1914, Delanne cessou a publicação de sua revista, que devia reaparecer em 1917.

O estado de saúde do nosso amigo tornou-se delicado; ele já não enxergava bem, arrastava-se com sacrifício, e cada movimento, sendo para ele causa de sofrimento, era um exemplo vivo de resignação; permanecia jovial e mui acolhedor.

Em 1918, fez, com sua família, uma viagem a Allauch, nas redondezas de Marselha. Foi sua última saída de Paris, pois não podia mais andar e foi preciso recorrer a uma cadeira de rodas para levá-lo do carro ao trem.

Apesar de seus sofrimentos, já mais intensos desde 1920, e também de sua quase cegueira, Gabriel Delanne, cuja memória era prodigiosa, continuava a trabalhar.

Fora da publicação de sua revista, ele preparava novas obras, presidia as sessões mediúnicas, que são relatadas no livro *Ecoutons les Morts (Escutemos os Mortos)*, escrito em colaboração com Bourniquel.

Em 1919 ocorreu a fundação da nova União Espírita Francesa,¹⁵ da qual Delanne foi seu primeiro presidente, tendo a seu lado o fundador Jean Meyer como vice-presidente.

Gabriel Delanne fez ainda numerosas conferências na sede da Sociedade Francesa de Estudos dos Fenômenos Psíquicos, com sua ciência e sua mestria habituais.

Em 1922, prefaciou uma curiosa obra de Paul Bodier, *A Granja do Silêncio*, que teve um enorme sucesso.¹⁶

Cada ano, na Assembléia Geral da Sociedade Francesa de Estudos dos Fenômenos Psíquicos, lia-se um discurso seu, sobre o aniversário da desencarnação do mestre Allan Kardec.

Em 1924, publicou sua obra sobre a reencarnação, que havia ditado a um de seus amigos: Durand.

Todos os dias vinham amigos para lhe ler os jornais; entre eles podemos destacar Barrau e Giraud, ambos membros da Diretoria da Sociedade de Estudos dos Fenômenos Psíquicos.

Delanne soube suportar com uma resignação ativa¹⁷ a morte de uma mulher querida, sua prima Mathilde Peley, morta em 12 de outubro de 1925. Durante mais de 20 anos, ela foi sua companheira extremosa e dele cuidou com devotamento.

Suportou essa separação física com a mesma energia que teve na morte de seu pai e de sua mãe, embora suas forças estivessem enfraquecidas pela idade e pela doença. Até a sua morte, que devia sobrevir cinco meses mais tarde, em 15 de fevereiro de 1926, Gabriel Delanne teve a mesma força moral.

Foi durante os últimos meses de sua vida que preparou, em colaboração com Andry Bourgeois, uma obra sobre ideoplastia.

Como nos confirmou sua filha adotiva, Suzanne Delanne, Gabriel Delanne, sem ser um místico no sentido absoluto da palavra, acreditava em Deus.

Todos os dias, antes de dormir, orava, jamais pedindo para não sofrer mais; apenas suplicava coragem necessária para suportar, sem se lamentar, suas constantes dores.

Cada noite, enumerava uma longa lista de seus parentes e amigos desaparecidos, pedindo para eles a ajuda de seus protetores invisíveis.

Em 12 de fevereiro de 1926, seu estado se agravou subitamente e ele se lamentava de sufocação.

Em 14 de fevereiro, estavam com ele os amigos Andry Bourgeois e Vauclaire.

Andry Bourgeois narra assim a última tarde vivida na Terra pelo nobre lutador espírita:

“Achei – escrevia ele a Henri Regnault – nosso caro amigo muito debilitado, mas tendo conservado toda a clareza de sua viva inteligência.

Mal tínhamos começado a conversar sobre a sua saúde e sobre sua revista, que tinha sido sua razão de viver, quando um homem desconhecido, ainda jovem (apenas 35 anos), pediu para ser recebido por Delanne.

Ele já estava esperando de 15:20 às 15:30, quando nosso mestre, com sua grande bondade, pediu-lhe que entrasse.

Esse homem era um contramestre das Usinas Renault (Billancourt), com idéias mais do que socialistas, pregando a anarquia, o bolchevismo integral. Mas, disse ele, tinha uma parenta, uma prima, que escrevia de forma estranha sobre coisas que ignorava e vinha pedir a Gabriel Delanne a verdade sobre esse fato, saber se ela não estaria louca.

Delanne, embora sofrendo o martírio de todas as suas dores, teve a coragem, durante cerca de 2 horas e meia, de discutir com esse homem, com esse desconhecido bastante inteligente, e explicar-lhe o que era a mediunidade de sua prima e o fenômeno espírita da escrita direta.

Acabou por convencer o homem de que nem tudo nesse mundo era matéria e que todos nós temos uma alma imortal para evoluir.

O visitante partiu muito abalado, pelas 18 horas, dizendo que ia estudar a questão e dela falar depois a seus colegas.

Eis a última boa ação de Delanne.

Evidentemente, tomei parte na discussão e apoiei meu amigo com minhas fracas luzes, do ponto de vista da matéria, da energia e do espírito. “*Mens agitat molem*”.¹⁸

Delanne estava muito fatigado, após essa longa conversa, onde havia posto toda a sua alma, sua ciência e sua sagacidade.

Pusemo-nos à mesa, para jantar, pelas 19 horas, Delanne, sua filha adotiva, Vauclaire e eu.

Delanne, muito cansado e sofrendo cada vez mais, não comeu nada, mas nos pediu que comêssemos, com sua gentileza costumeira. Eu estava penalizado e o examinava com receio, vendo-o cada vez mais pálido. Pelas 19:45 ele quis, arrastando-se, ir ao lado de sua sala de jantar.

Após dez minutos, ouvimos um grito e uma queda.

Chegamos para levantá-lo e suas duas pernas acabavam de ficar, de repente, paralisadas. Não podia nem mesmo mais se manter de pé; toda a sua vitalidade tinha abandonado seus membros inferiores, que se arrastavam como dois farrapos pendentes.

Pusemo-lo em sua poltrona e, enquanto os outros haviam saído para trazer algo para reanimá-lo, Delanne apalpou a cabeça, a fronte e, olhando-me, disse-me:

– Creio que é o fim, é uma advertência.

– Não – respondi-lhe –, é um pequeno ataque, do qual irá recuperar-se.

– Sim – disse-me ele –, no Além. Lembre-se, meu caro amigo, que Delanne não tem medo da morte.

Nós o colocamos em seu leito. Saí à meia-noite, por insistência de sua filha e de Vauclaire, que deviam velar juntos nosso caro mestre.

Às 2 horas (15 de fevereiro de 1926), Vauclaire saiu, deixando a jovem filha a sós, com seu pai adotivo. Às 4

horas, Delanne piorando, ela foi buscar um médico, que lhe fez uma aplicação de cafeína para reanimá-lo, dizendo-lhe que aquilo iria passar.

– Eu espero – respondeu Delanne, para não entristecer ninguém.

Às 7 horas, porém, ele expirava, em Autenil, na Villa Montmorency, onde Jean Meyer, diretor da *Revista Espírita*, desejava que fossem passados os últimos anos terrenos do valente pioneiro do Espiritismo kardecista.”

Tais fatos, narrados por uma testemunha, foram os derradeiros momentos daquele que soube pôr em prática os ensinamentos que dava aos outros, com tanto ardor e fé.

Na véspera da colocação do corpo de Delanne no esquife, Forget, membro da Sociedade Francesa de Estudos dos Fenômenos Psíquicos, tentou tirar seis fotografias do mestre em seu leito mortuário. Estava acompanhado de Bourniquet e Maillard. Entretanto, nenhuma foto foi conseguida, não houve absolutamente qualquer sucesso.

Os funerais se realizaram em 18 de fevereiro de 1926, no Cemitério Père Lachaise. Seu corpo físico foi incinerado, sem que Suzanne tivesse recebido a respeito, disse-nos ela, um pedido da parte de seu pai.

Após a incineração, as cinzas foram colocadas numa urna, que foi depositada no jazigo que a família Delanne possuía naquele mesmo Cemitério.

Por uma feliz coincidência, o túmulo da família Delanne acha-se perto do de Allan Kardec e, todos os anos, na cerimônia comemorativa que reúne os espíritas em torno do dólmen do mestre Kardec, podem eles, ao mesmo tempo, render uma piedosa homenagem ao maior de seus discípulos e a seus pais, que tudo fizeram para difundir a filosofia kardecista.

O túmulo da família Delanne é simples e modesto. Formulamos votos de que ele seja sempre embelezado, florido como o do grande iniciador, a fim de que todos os espíritas possam reunir, num só pensamento de gratidão, o mestre e o discípulo que foi verdadeiramente o apóstolo científico do

Espiritismo e o glorioso continuador dos fiéis amigos de Allan Kardec: Alexandre Delanne e sua digna esposa.

Todavia, a melhor homenagem que lhes podem prestar seus discípulos e seus admiradores é, como disse Henri Regnault nos funerais de Gabriel Delanne, tentar seguir seu exemplo e fazer o máximo possível de propaganda pública e também privada do Espiritismo, que é e será a verdadeira filosofia do futuro.

CAPÍTULO II

A obra

Antes de analisar a obra de Gabriel Delanne, é útil declarar que ele foi, primeiro que tudo, um fiel discípulo de Allan Kardec, por quem conservou, em toda a vida, uma admiração sem limites.

Aliás, a carta que ele dirigiu, no fim do ano de 1906, a Léopold Dauvil, então redator-chefe da *Revista Espírita*, irá prová-lo à saciedade.

É necessário acrescentar aqui que as notáveis obras de Gabriel Delanne não foram, de certa forma, senão o desenvolvimento dos princípios científicos sobre os quais Allan Kardec se apoiou para ensinar o Espiritismo.

A comparação entre as obras do mestre e do discípulo deve ser hoje posta nitidamente em análise, porque é bom não sancionar, por um ridículo silêncio, o erro dos sábios orgulhosos, que muitas vezes relegam o Espiritismo a um segundo plano, substituindo-o por pretensas descobertas científicas, ornadas de nomes novos, quando se trata somente da repetição dos fenômenos observados e descritos por Allan Kardec, e depois dele por seus discípulos.

A carta mencionada, e que foi inserida em um número especial da *Revista Espírita*, datada de janeiro de 1907, é a seguinte:

“É com grande prazer, meu caro amigo, que aceito o convite que me faz para prestar homenagem ao grande pensador que fundou a *Revista Espírita*, há meio século, e cujos livros, claros e metódicos, permitiram conquistar para o Espiritismo milhões de adeptos no mundo inteiro.

Jamais teremos a necessária gratidão pelo poderoso espírito, cujos trabalhos esclareceram, consolaram e fortaleceram tantos corações feridos pelas provações da vida.

Quanta alegria deve existir nele, vendo sua obra prosperar e se agigantar em tão vastas proporções!

Em 1858, só havia duas revistas espíritas na Europa; em nossos dias, há mais de cinquenta,¹⁹ que levam ao longe a boa nova da imortalidade, e temos o legítimo orgulho de haver estabelecido o estudo dos fatos espíritas a esse mundo céptico, que se mostrara, na origem, tão desdenhosamente refratário para com essa jovem ciência.

Já passou o tempo em que a Ciência era a propriedade característica de alguns privilegiados; ela se democratizou e cada um pode fazer trabalho sábio, empregando judiciosamente seus métodos.

As pesquisas sobre o Espiritismo se multiplicam nesse ponto, e é preciso ser profundamente indiferente para não as conhecer, porque não são apenas individualidades isoladas que delas se ocupam, mas numerosos agrupamentos, alguns formando verdadeiras academias, que tiveram origem fora das corporações oficiais.

A fundação, na Inglaterra, da Sociedade de Pesquisas Psíquicas, e a do Instituto Geral Psicológico, na França, são provas vivas de nossa influência sobre as inteligências que refletem, pois os que não cerram, sistematicamente, os olhos diante da evidência já vislumbram a importância enorme das pesquisas, que abrem à Ciência e às aspirações religiosas da humanidade horizontes que valem ser estudados em profundidade.

Substituindo a fé cega numa vida futura, pela inquebrantável certeza, resultante de constatações científicas, tal é o inestimável serviço prestado por Allan Kardec à humanidade.

Fazer a luz da observação, e até mesmo a experimentação, penetrar num domínio reservado às obscuras e intermináveis discussões filosóficas, era fazer obra de mestre, quebrar os velhos padrões do pensamento, infundir sangue novo no antigo espiritualismo, renovar a Psicologia, indicando-lhe um novo e fecundo caminho, e preparar a mais rica colheita

de conhecimentos novos que se tenha feito nesses dois mil anos.

Uma semelhante revolução intelectual não se realiza sem levantar tempestades. O Espiritismo tem sido combatido por inúmeros adversários, porque está em oposição a quase todas as opiniões reinantes, já que suas experiências demonstram a falsidade das teorias materialistas, a insuficiência dos sistemas espiritualistas, que não conhecem a verdadeira natureza da alma, e os erros dos ensinamentos religiosos relativos à origem e ao destino do princípio pensante.

Também os insultos, zombarias e maldições lhe foram pródigos. Todavia, levado pelo irresistível poder que se destaca da observação científica, o Espiritismo desdenha esses ultrajes e, respondendo com fatos aos falsos argumentos de seus contraditores, derruba os obstáculos acumulados em sua rota e conquista cada dia novos adeptos, até entre seus adversários.

Obrigaram inteligências, como as de Crookes, Wallace, Varley, Lodge, Zöllner, Lombroso, Myers, Hodgson,²⁰ a reconhecerem a incontestável realidade das relações entre os vivos e os chamados mortos.

Estamos em boa companhia e nem as calúnias, nem os clamores odiosos dos detratores da verdade nova poderiam impedir-lhe o triunfo definitivo.

Pelos fenômenos da mesa, da escrita, da incorporação, das aparições,²¹ nós nos comunicamos com o Além de uma forma ininterrupta.

O túmulo perdeu seu horror, porque ele é para nós a porta aberta para um mundo novo, onde a vida é mais doce do que aqui.

Em resposta aos negadores da sobrevivência, a alma humana se revela, depois da morte, tão ativa quanto aqui na Terra e se mostra na placa fotográfica a esses doutores, que não a tinham jamais encontrado com seus bisturis.

Prodígio singular, ela reconstitui, temporariamente, um corpo físico semelhante ao que possuía na Terra, e essa ressurreição momentânea é o argumento mais convincente para destruir os erros grosseiros do materialismo.

Essa comunhão constante com a humanidade desencarnada nos afirma, inicialmente, nossa imortalidade pessoal; em seguida, nos permite conhecer com certeza a verdadeira natureza da alma, suspendendo uma ponta do véu que ocultava sua origem e seus destinos.

Que alívio e que reconforto para o pensamento humano por não ser mais esmagado sob o pavor de dogmas tão terríveis como o do pecado original e o das penas eternas!

Que consolo não mais conceber o Ser Supremo sob a forma de um implacável justiceiro que condenaria a suplícios sem fim as miseráveis e fracas criaturas que somos nós!

A realidade é, felizmente, mais nobre e mais grandiosa do que essas sombrias invenções da Teologia.

A sorte de nossa eternidade futura não se decide nos curtos instantes de uma vida terrena, “uma ruga apenas perceptível no imenso oceano das idades!”

A lei da evolução do princípio espiritual, completando-se pelas vidas sucessivas, nos permitiu compreender porque uma formidável desigualdade moral e intelectual separa os filhos de um mesmo Pai, e como existem, no mesmo globo, selvagens e povos civilizados, idiotas ao lado desses gênios, que são a glória de nossa raça.

É pelos inumeráveis e concordantes testemunhos dos que vivem no espaço que sabemos que não existe inferno, nem paraíso, mas que nós somos os únicos artífices de nossos futuros destinos.

É lentamente, mas num esforço ininterrupto, que desenvolvemos nosso ser espiritual, que ampliamos nossa inteligência, que penetram em nós os sentimentos do justo, do belo, do bem; que desaparecem os obscuros instintos do egoísmo, as paixões e os vícios, para dar lugar ao sentimento

de fraternidade, que nos aproxima dessa causa primária, que é todo amor.

Allan Kardec não deduziu de suas conversações com os espíritos unicamente essa nobre doutrina filosófica; sua atenção foi ainda atraída pelas manifestações extracorpóreas da alma encarnada.

Todos os fenômenos psíquicos, batizados hoje com novos nomes,²² o mestre os conheceu, classificou e lhes determinou as causas.

A transmissão do pensamento, que, sob o nome de telepatia, tomou grande importância em nossos dias, foi estudada em *O Livro dos Espíritos* e em *A Gênese*.

A possibilidade de desdobramento do ser humano é indicada em *O Livro dos Médiuns*, com provas de apoio, e os casos interessantes de clarividência, se exercendo no passado, no presente ou no futuro, foram longamente descritos na *Revista Espírita*.

A Sociedade Inglesa de Pesquisas Psíquicas confirmou, por suas observações, a existência de vários desses fenômenos, e os magníficos trabalhos de Fredrich Myers são o sábio desenvolvimento das teorias que estão em germe nas obras de nosso mestre. Entretanto, a obra do ilustre psicólogo inglês é ainda incompleta.

Para ser outra coisa mais do que uma simples hipótese verbal, a consciência subliminal deve ter um substrato não material. Parece-nos, portanto, necessário ver no perispírito o órgão que serve para essas manifestações transcendentais.

É ainda a Allan Kardec que devemos as primeiras noções precisas sobre o perispírito, esse corpo inseparável da alma. Inúmeras observações, feitas sobre as aparições dos vivos e dos mortos, nos afirmam de forma absoluta a sua existência.

O conhecimento desse organismo suprap psicológico faz do Espiritismo uma doutrina original, porque, por isso, ela se distingue nitidamente do espiritualismo religioso ou filosófico.

O princípio inteligente não é mais então uma abstração ideal, uma vaga entidade corporal; é um ser concreto, que possui sentidos especiais, apropriados ao meio no qual é chamado a viver após sua partida da Terra, isto é, no espaço.

Algumas das faculdades superiores da alma, tais como a telepatia e a clarividência, têm, evidentemente, sua sede fora do cérebro, pois este é estranho às suas manifestações; provavelmente é no perispírito que elas encontram suas condições de existência, porque é necessária a emancipação da alma para que elas possam se exercer.

Quanto mais estudarmos esse organismo superior, melhor compreenderemos sua importância para explicar um certo número de problemas biológicos.

A experimentação espírita tem uma utilidade de primeira ordem para isso, porque se torna indispensável que possamos submeter a um exame científico a natureza e as propriedades desse corpo fluídico, para melhor determinar sua atuação durante a vida e após a morte.

As materializações dos espíritos são fenômenos que põem em evidência esse mecanismo perispiritual, que dá à alma o poder de se representar, perante nós, com os atributos anatômicos e fisiológicos da pessoa terrena.

Já que um ser do espaço é capaz de reconstituir momentaneamente a forma típica que possuía quando estava entre nós – emprestando ao médium uma parte de sua substância –, é permitido supor-se que a alma age da mesma forma no momento do nascimento, mas operando lentamente, segundo as leis da gestação, para que sua união com o corpo material seja durável.

O ensino dos espíritos está de acordo, sobre esse ponto, com a opinião de Claude Bernard, que viu nitidamente que a construção, a manutenção e a reparação de um organismo vivo não contradizem as leis físico-químicas.

“Vemos – disse ele –, na evolução do embrião, aparecer um simples esboço do ser, antes de qualquer organização.

Os contornos do corpo e os órgãos do ser estão de início simplesmente parados, começando pelos esboços orgânicos provisórios, que servirão de aparelhos funcionais temporários do feto.

Nenhum tecido está distinto nesse momento. Toda a massa é então apenas constituída por células plasmáticas e embrionárias.

Todavia, nesse esboço vital está traçado o desenho ideal de um organismo, ainda invisível para nós, que reservou para cada parte e cada elemento seu lugar, sua estrutura e suas propriedades.”

E mais adiante o eminente fisiologista explicita ainda seu pensamento nestes termos:

“O que é essencialmente do domínio da vida, e que não pertence nem à Física nem à Química, nem a nenhuma outra coisa, é a idéia diretriz dessa ação vital.

Em qualquer germe vivo há uma idéia diretriz que se desenvolve e se manifesta pela organização.

Durante toda a sua duração, o ser fica sob a influência dessa mesma força vital criadora e a morte chega quando ela não se pode realizar... É sempre a mesma idéia que conserva o ser, reconstituindo as partes vivas desorganizadas pelo exercício ou destruídas pelos acidentes ou doenças.”

Nós, que sabemos, por experiência, que a alma sobrevive à morte, que a vemos reedificar, temporariamente, um corpo, que é anatomicamente igual ao que possuía na Terra, estamos autorizados logicamente a supor que o perispírito contém a idéia diretriz que preside a edificação do corpo físico, porque o perispírito possui ainda o poder de reconstrução após a morte.

Não é tudo. Se a alma é a arquiteta de seu envoltório terrestre, é possível tirar desse fato uma confirmação da lei de reencarnação, assim:

Se é exato que o feto resume, nas primeiras semanas de sua vida intra-uterina, todas as etapas percorridas pelos seres vivos desde a célula inicial; se, além disso, ainda temos em nós órgãos atrofiados, vestígios dos que foram úteis a nossos ancestrais, é preciso concluir que o perispírito, que reproduz essas formas desaparecidas, que forma e modela a matéria, deve ter passado outrora pelos organismos inferiores onde elas existiam; porque, sem isso, não as poderia engendrar.

Penso que, seguindo essa direção, os espíritas poderão achar, no estudo do ser humano, novas provas dessa grande e magnífica verdade das vidas sucessivas, que já possui em seu ativo toda uma coleção de fatos relativos às lembranças das existências anteriores ou no anúncio de reencarnações que foram tais quais haviam sido preditas.

Não apenas isso. Os fatos espíritas receberam a consagração do tempo, resistiram a todos os métodos críticos a que foram submetidos, e houve, em nossos dias, uma tal revolução nas teorias científicas, que nós as vemos convergir para aquelas que Allan Kardec e os espíritos sempre ensinaram.

É com uma profunda alegria que constatamos quanto as descobertas das ciências físicas as aproximam desse mundo invisível com o qual elas começam a tomar contato.

As mais estranhas manifestações das sessões espíritas não são mais fatos isolados. Os eflúvios que saem do corpo do médium, que atravessam os obstáculos materiais, que influenciam as placas fotográficas, apresentam uma analogia evidente com os produtos da desmaterialização da matéria engendrada pelos corpos radioativos.

O corpo humano é um laboratório no qual se completam, sem cessar, reações químicas muito intensas que dão origem a produtos variados; emanações, raios catódicos, raios X, elétrons que são poeiras atômicas em diferentes estágios de desagregação. Esses resíduos são eletrizados e constituem precisamente uma das mais grosseiras formas dessa

substância fluídica, ainda material, de certa forma, mas chegando à imponderabilidade.

É, bem provavelmente, uma forma vizinha da desagregação carnal, que serve nas sessões de materialização para produzir essas aparições temporárias de objetos (tecidos, jóias, etc.), que desaparecem com a rapidez do raio, logo que cessa de agir a força que os engendrou.

O ensino de Allan Kardec sobre as criações fluídicas do pensamento recebe uma força nova pelas experiências feitas com os eflúvios das substâncias radioativas.

Com efeito, sabemos que o pensamento se traduz sempre por uma imagem; que essa criação mental pode exteriorizar-se sob a forma de desenhos, que possuem a propriedade de se imprimir sobre o corpo, produzindo modificações fisiológicas (sugestões de vesicatórios, sinapismos, queimaduras, etc.) e que esse desenho pode mesmo impressionar a placa fotográfica (experiência do Comandante Darget).

Sempre tenho sustentado que, para esse fenômeno ser possível, era preciso que a imagem tivesse uma realidade objetiva, isto é, fosse materializada.

É interessante assimilar que Le Bon pôde produzir materializações temporárias com os eflúvios de matéria dissociada. Eis o que ele disse a respeito:²³

“Se quisermos estudar os equilíbrios de que são suscetíveis os elementos de matéria dissociada, podemos substituir um corpo radioativo por uma ponta eletrizada em relação com um dos pólos de uma máquina elétrica.

Essas partículas são submetidas às leis das atrações e repulsões que regem todos os fenômenos elétricos.

Utilizando essas leis, poderemos obter, à vontade, os mais variados equilíbrios. Tais equilíbrios só poderão ser mantidos por instantes.

Se pudéssemos fixá-los para sempre, isto é, de maneira a que pudessem sobreviver à causa geradora, conseguiríamos criar, com partículas imateriais, alguma coisa que pareceria singularmente matéria.

Todavia, se não podemos realizar equilíbrios com coisas imateriais, podendo sobreviver à causa que os produziu,²⁴ pelo menos podemos mantê-las um tempo suficiente para fotografá-las e assim criar uma espécie de materialização momentânea.

Utilizando unicamente as leis de que falamos atrás, conseguimos agrupar as partículas de matéria dissociada de maneira a dar a seu grupamento todas as formas possíveis: linhas retas ou curvas, prismas, células, etc., que fixamos, em seguida, pela fotografia.

As formas poligonais, representadas em algumas de nossas fotografias, não são, bem entendido, a reprodução de imagens plenas, porém formas possuidoras de três dimensões, das quais a fotografia só pode, evidentemente, dar uma projeção.

São, portanto, figuras no espaço que obtivemos mantendo momentaneamente, no equilíbrio que lhes impusemos, partículas de matéria dissociada.”

No dia em que os sábios se decidirem a estudar, cientificamente, os fenômenos psíquicos, eu lhes prometo algumas surpresas, mostrando-lhes que suas futuras descobertas tinham sido previstas por esses espíritas, de quem eles ignoram tão profundamente as doutrinas.

Um simples exemplo bastará para fazer ver que Gustave Le Bon – que está tão justamente orgulhoso de ter descoberto que a matéria retorna ao éter – não teve a primazia dessa idéia, porque ela se encontra claramente formulada por Allan Kardec, em seu livro *A Gênese*, numa época em que essa hipótese parecia uma monstruosa heresia científica.

Eis o que foi escrito, em 1867, pelo mestre:²⁵

“Quem conhece, aliás, a constituição íntima da matéria tangível?

Ela só é compacta em relação aos nossos sentidos, e o que o provaria é a facilidade com que ela é atravessada pelos fluidos espirituais e pelos espíritos, aos quais não oferece nenhum obstáculo, tal como os corpos transparentes não oferecem à passagem da luz.

A matéria tangível, tendo por elemento primitivo o fluido cósmico eterizado, deve poder, desagregando-se, retornar ao estado de eterização, como o diamante, o mais duro dos corpos, pode volatilizar-se em gás impalpável.

A solidificação da matéria não é, em realidade, senão um estado transitório do fluido universal, que pode retornar a seu estado primitivo, quando as condições de coesão deixam de existir.” ²⁶

A radioatividade é mesmo apresentada nestes termos:

“Quem sabe mesmo se, no estado de tangibilidade, a matéria não é suscetível de adquirir uma espécie de eterização, que lhe daria propriedades particulares? Certos fenômenos tenderiam a fazer supor que sim. No momento, só possuímos noções do mundo invisível, mas o futuro, sem dúvida, nos reserva o conhecimento de novas leis que permitirão compreender o que para nós ainda é um mistério.”

Sobre o mesmo assunto Oliver Lodge se exprime assim, na Sociedade de Física de Londres:

“Não devemos admitir que o átomo é permanente e eterno. A matéria, provavelmente, pode nascer e morrer.

A história de um átomo apresenta analogias com a do sistema solar. Na teoria elétrica da matéria, a combinação dos elétrons pode produzir o agregado elétrico chamado átomo e sua dissociação se acompanha de um fenômeno de radioatividade.”

Afinal, William Crookes, por sua vez, chega a uma conclusão análoga:

“Essa fatal dissociação dos átomos parece universal. Manifesta-se quando friccionamos um bastão de vidro, quando o sol brilha, quando um corpo queima, quando a chuva cai, quando as vagas do oceano se chocam.

Embora a data do fim do Universo não possa ser calculada, devemos constatar que o mundo retorna lentamente à confusão informe do caos primitivo. Nesse dia, o relógio da eternidade terá terminado seu ciclo.”

A concordância tardia que verificamos entre as mais recentes afirmações da Ciência e as vistas proféticas de Allan Kardec sobre a constituição da matéria nos assegura que tivemos razão em crer que os espíritos que produzem fenômenos tão estranhos, como a materialização e os transportes, estão mais adiantados do que nós no conhecimento das leis da Natureza.

É confiantes que vemos novas descobertas, porque estamos certos de que elas confirmarão, cada vez mais, as instruções de nossos Guias Espirituais.

Não poderia ser de outra forma, porque, já que os fatos espíritas são de uma incontestável realidade, a Ciência deve, uma dia ou outro, modificar suas teorias, ampliá-las ou trocá-las, para introduzir essas manifestações da atividade anímica, que ela havia ignorado.

O Espiritismo vai certo ao seu objetivo, que é a demonstração da imortalidade, sem bravata nem fraqueza; tanto pior para as opiniões que ele contraria; são as hipóteses antigas que devem desaparecer ante os fatos novos.

Trabalhemos, pois, com um ardor incansável, para expandir esta nobre doutrina, cuja ação salutar e fecunda é tão necessária aos nossos dias.

Proclamemos, por toda parte, que o túmulo não é o aniquilamento da alma, o abismo no qual nossa personalidade sucumbiria, desaparecendo para sempre.

Demonstremos que não é verdade que somos tristes joguetes de leis inexoráveis e fatais, que pesariam sobre nós com a esmagadora impassividade desses ídolos antigos, que esmagavam sob as rodas de seus carros as carnes ofegantes de seus sectários.

Afirmemos bem alto que a natureza não teve essa ironia cruel de nos despertar a consciência para nos fazer medir melhor o horror de nossa queda no nada.

Estamos experimentalmente seguros de que a vida humana não é um relâmpago entre duas noites profundas, porém uma simples etapa de nossa ascensão eterna para a luz e para o amor.

Temos a certeza de que as aspirações mais elevadas e mais santas de nossos corações não serão decepcionadas, porque encontraremos aqueles cuja partida cravou marca tão cruel em nossas almas.

Desta vez, a grande tradição espiritualista, tão velha quanto o pensamento humano, se apóia, de forma inquebrantável, na Ciência; nada poderá entrar seu progresso, e sua difusão no mundo será o sinal de uma evolução moral, científica e social, como a humanidade jamais conheceu, desde sua origem.

Gabriel Delanne.”

Transcrevemos por extenso o texto dessa admirável carta, porque ela destaca, de alguma sorte, a importância da obra empreendida por Gabriel Delanne, para ampliar a de Allan Kardec.

Todos os que lerem os livros do discípulo, após ter estudado os do mestre, compreenderão que um e outro são os artífices de uma mesma ciência, de uma ciência magnífica entre todas, porque ela renovará um dia a humanidade.

Se Allan Kardec fixou os traços essenciais do Espiritismo, seu discípulo compreendeu maravilhosamente que lhe devia assegurar a difusão cada vez mais ampla, com o auxílio de trabalhos rigorosamente científicos, de tal forma que a ligação

entre o mundo visível e o mundo invisível se tornasse mais íntima e mais profunda.

Gabriel Delanne livrou o Espiritismo kardecista das fórmulas dogmáticas e rígidas. Ele o apoiou em realidades experimentais rigorosamente científicas.

Como Allan Kardec, seguiu uma regra essencial, apresentando as idéias em termos e condições que as tornam facilmente compreensíveis para todo o mundo.

Nenhuma aridez em suas obras, embora tão científicas, nenhuma frieza, mas, ao contrário, um interesse sempre crescente, que faz sua leitura extremamente atrativa.

O estilo de Gabriel Delanne é um instrumento de precisão científica a serviço do conhecimento humano.

Com um esforço infatigavelmente sustentado, o brilhante escritor pôs em ação toda a sua capacidade intelectual para extrair da experimentação e do raciocínio científico as provas positivas da realidade da sobrevivência.

Ele examinou cuidadosa e metodicamente cada uma das modalidades do fato espírita; por uma análise rigorosa de cada um deles, chegou a dar a solução racional, que ele trata de apresentar razoavelmente em face da ciência positiva.

Sempre buscando o termo exato, Gabriel Delanne evitou empregar a metáfora,²⁷ pois esta tanto parece útil para dar a certas literaturas filosóficas toda a força que lhes é necessária, como é inútil e deslocada, quando se trata de demonstrar o valor e o começo de uma experiência científica qualquer.

Muito comumente, os filósofos idealistas não têm ousado ou sabido vencer a rigidez de certas fórmulas, ficaram bem distantes do bom senso sólido das massas, sempre espantadas pelo aspecto um pouco árido das ciências abstratas.

Gabriel Delanne teve o grande mérito de compreender que as fórmulas científicas nada perdem por serem impregnadas de ideal, para torná-las compreensíveis a todos. Adotou a linguagem simples e lógica, pela qual elas se tornam magnificamente claras e precisas.

Os livros de Gabriel Delanne são necessários a todos aqueles que abordam o estudo do Espiritismo e das ciências ocultas, porque as teorias que encerram são suscetíveis de dar a todas as pessoas sérias bases perfeitas para facultar seu raciocínio.

Os adversários do Espiritismo moderno têm negado obstinadamente a realidade de tantos fatos facilmente explicáveis por meio das teorias realmente científicas; têm afirmado tantas tolices, que é indispensável ter sob nossas mãos, para consultá-los, livros preciosos como os do nosso mestre.

Eles ficarão, como os de Allan Kardec e Léon Denis, verdadeiras obras básicas necessárias a todos os pesquisadores que, sem prevenção, resolvem estudar o Espiritismo, da mesma forma que uma outra ciência, com o desejo sincero de se instruir e de prestar serviço à humanidade, que deve depurar-se e progredir, para se aproximar cada vez mais de seu Criador.

Eis por que forneceremos uma relação sumária da obra admirável de Gabriel Delanne.

Aqui vão, com a data da primeira edição, os livros que ele escreveu:

- O Espiritismo perante a ciência 1885
- O Fenômeno Espírita 1896
- A Evolução Anímica 1897
- Pesquisa sobre a Mediunidade 1898
- A Alma é Imortal 1899
- As Aparições Materializadas dos Vivos e dos Mortos (1º volume) 1909
- Idem (2º volume) 1911
- Documentos para servir ao Estudo da Reencarnação..... 1927

Além dessas obras, Gabriel Delanne tem, em colaboração com Bourniquel, um livro intitulado *Ouçamos os Mortos*.

Ele preparava, no momento de sua morte, já o dissemos, em colaboração com Andry Bourgeois, uma obra sobre ideoplastia.

Análise detalhada da obra de Gabriel Delanne será feita um dia por um de nós,²⁸ mas como o quadro desta biografia não permite longos pormenores, limitar-nos-emos a dar um resumo do índice de cada volume.

O leitor avaliará, assim, da diversidade dos assuntos tratados, do conjunto e da vastidão das idéias filosóficas estudadas.

A primeira obra de Delanne, *O Espiritismo perante a Ciência*, apareceu em 1885. O autor colocou no frontispício desse volume a seguinte tocante dedicatória:

“Dedico este livro a meus pais, cuja ternura e solícitude tornaram bem doces os primeiros anos de minha vida.”

Admirável atenção de um filho respeitoso e amoroso, que mostra Gabriel Delanne com todo o seu coração repleto de piedade filial.

O livro apresenta um interesse considerável pela seqüência dos assuntos tratados. Está dividido em cinco partes.

O capítulo I da primeira, bem curto, é consagrado ao exame das diversas filosofias que se ocuparam com a alma e suas funções.

O capítulo II, muito importante, examina o cérebro. É particularmente interessante citar aqui a conclusão desse capítulo:

“De todas as teorias examinadas, nenhuma nos conduz à certeza de que a alma não seja uma entidade. Ao contrário, num exame atento, chega-se à convicção de que o espírito ou a alma realmente existe e que manifesta sua presença em todas as ações da vida.

Nem os profundos conhecimentos químicos de Moleschott, nem o talento dos sábios como Broussais, Buchner, Karl Vogt, Luys, etc., conseguirão negar a crença na alma, nem ao menos duvidar de sua realidade.

Há um século, temos ao nosso dispor um poderoso instrumento de investigação, que nos revela a maneira mais formal da existência da alma; queremos falar da ciência magnética.

Com fatos fornecidos pelo magnetismo, separou-se a alma do corpo; ela se destaca desse último e manifesta sua realidade com fenômenos surpreendentes, apresenta-se nitidamente separada de seu envoltório carnal e vivendo uma existência especial.”

Essa conclusão coloca, assim, a questão em seu verdadeiro domínio: o terreno científico. Mostra, bem claramente, que todas as hipóteses científicas vão ser examinadas pelo autor, a fim de destacar a que pareça apresentar a mais ampla verdade, ao mesmo tempo adequada aos conhecimentos humanos.

A segunda parte compreende o magnetismo e sua história, o sonambulismo natural, o sonambulismo magnético e o hipnotismo.

A terceira parte apresenta as provas da imortalidade da alma pela experiência, as teorias dos incrédulos e o testemunho dos fatos e as objeções.

A quarta parte, a mais importante, nos mostra uma definição precisa de perispírito, as provas de sua existência, sua utilidade, seu papel, o que vem a ser após a desencarnação e qual é sua composição.

A quinta parte trata de algumas espécies de mediunidade.

O Espiritismo perante a Ciência deveria ser lido e relido por todas as pessoas que desejam tratar de Espiritismo, mas após a leitura preliminar dos livros de Allan Kardec e Léon Denis.

Lamentavelmente, o Espiritismo é, muitas vezes, praticado sem estudo prévio e assistimos, então, a experimentações ridículas e grotescas, que parecem justificar as zombarias fáceis de alguns jornalistas desinformados ou alguns espíritos críticos, cuja ignorância e fatuidade superam tudo o que se possa imaginar.

Muitas pessoas aceitam facilmente as histórias ridículas lançadas, seja a favor do Espiritismo ou contra ele.

A leitura atenta de *O Espiritismo perante a Ciência* esclareceria e, sobretudo, conciliaria todos.

Teria a vantagem de dar segurança aos que começam a estudar a filosofia kardecista, mostrar-lhes-ia que o Espiritismo é uma ciência que desvenda todo um mundo de mistérios, que torna patentes as verdades eternas.

Toda a obra de Delanne nos apresenta uma série de observações que autorizam deduções rigorosamente científicas.

Essas deduções nos permitem entrever a verdade, nos aproximarmos dela cada vez mais, embora os caminhos que conduzem até ela sejam árduos e difíceis, mas podemos estar certos de ver seu clarão aumentar diante de nossos olhos maravilhados.

Com o sucesso obtido pela obra *O Espiritismo perante a Ciência*, Gabriel Delanne decidiu prosseguir sua propaganda pelo livro, em favor da Doutrina kardecista, e em 1897 publicava uma nova obra, *O Fenômeno Espírita*, que continha em suas páginas os testemunhos dos sábios de todos os países, testemunhos que fariam homenagem à verdade, afirmando de forma precisa a realidade dos fenômenos.

Delanne havia posto na abertura dessa notável obra a célebre afirmação de William Crookes:

“Eu não digo que isso é possível, digo que existe.”

Assim como a opinião de Victor Hugo:

“Evitar o fenômeno espírita, negar atenção a quem tem direito é negar a verdade.”

Aliás, Gabriel Delanne teve cuidado de pôr no fim desse livro uma lista numerosa das notabilidades que haviam afirmado a realidade dos fenômenos espíritos.

Nada melhor podemos fazer do que citar aqui um resumo do Prefácio, que poderia ser escrito ainda hoje, tanto parece ajustar-se à nossa época.

Qualquer comentário sobre as linhas que transcrevemos só poderia enfraquecer o brilho de tal exposição, cuja precisão nada deixa a desejar.

“O Espiritismo é uma ciência que tem por objeto a demonstração experimental da existência da alma e de sua imortalidade, por meio de comunicação com os impropriamente chamados mortos.”

Faz cerca de meio século ²⁹ que as primeiras pesquisas sobre esse assunto foram realizadas; homens de ciência, do mais alto valor, consagraram longos anos de estudos para constatar os fatos, que estão na base dessa ciência, e foram unânimes em afirmar a autenticidade real desses fenômenos, que pareciam fruto da superstição e do fanatismo.

Não são conhecidas essas pesquisas na França, ou as conhecemos mal, ³⁰ de sorte que o Espiritismo aparece sempre aos olhos do grande público como a farsa das mesas girantes.

Entretanto, o tempo fez a sua obra e essa doutrina apresenta hoje ao examinador imparcial uma série de experiências rigorosas, metodicamente conduzidas, que provam de uma forma concludente que o “eu” humano sobrevive à desagregação corporal.

São esses resultados que desejamos expor, a fim de que implantem em todas as consciências a convicção da imortalidade, não mais buscada somente na fé ou no raciocínio, mas solidamente fixada na Ciência, procedendo segundo seu severo método positivo.

A geração atual está cansada das especulações metafísicas, recusa crer no que não é absolutamente demonstrado e, se o movimento espírita, que já conta com milhões de adeptos no mundo inteiro, não ocupou o primeiro lugar é porque seus seguidores têm se descuidado muito, até agora, de pôr aos olhos do público fatos bem constatados.

É tempo de reagir contra os bonzos ³¹ oficiais, que tentam abafar as novas verdades, afetando uma desdenhosa indiferença.

Do mesmo modo que temos respeito e admiração pela ciência, sem opinião preconcebida, por aquela que encara imparcialmente todos os fenômenos, estuda-os e os explica friamente, deles fornecendo boas razões, também sentimos indignação contra a falsa ciência, rebelde a todas as novidades,

encerrada em suas convicções adquiridas e crendo orgulhosamente ter atingido os limites do saber humano.

São esses seres, dizemos como Wallace, que fizeram oposição a Galileu, a Harvey, a Jenner.

São esses ignorantes ridículos, que recusaram as maravilhosas provas da teoria das ondulações luminosas de Young; são os que achincalharam Stephenson, quando ele quis empregar locomotivas sobre linhas férreas de Liverpool e Manchester.

Eles tinham muitos sarcasmos contra a iluminação a gás, e condenaram Arago, no próprio seio da Academia, quando ele quis tratar da telegrafia elétrica.

Não são esses mesmos seres ignaros que afirmavam que o magnetismo não passava de charlatanismo e velhacaria e que qualificavam a descoberta do telefone como tapeação americana?

Não é pelo vão prazer de mostrar quanto o espírito humano, mesmo nas classes mais esclarecidas, está sujeito a erro, que citamos alguns exemplos mais chocantes da obstinação dos sábios e de seu horror pelas novidades. É para suscitar um movimento sério em favor dessas pesquisas, que têm uma abertura considerável, tanto no domínio material como no campo psíquico.

Se, realmente, a alma não morre e pode agir sobre a matéria, nós nos achamos em presença de forças desconhecidas que é interessante estudar; constatamos, por isso mesmo, novos modos de energia que nos podem conduzir a grandiosos resultados.

Como a personalidade se conserva após a morte, ficamos em face de um outro problema: o do pensamento produzido sem os órgãos materiais do cérebro.

Deixemos de lado os rotineiros, os obstinadamente encarcerados em seus sistemas, abramos bem os olhos para homens probos, sábios e imparciais quando nos falam de descobertas recentes e fechemos os ouvidos às gritarias de todos os impotentes do pensamento, que não podem sair do hábito das idéias preconcebidas.

É em nome do livre pensamento que convidamos os pesquisadores a se ocuparem com nossas investigações. É com insistência que lhes pedimos não recusarem, sem exame, esses fatos tão novos e tão mal conhecidos e ficaremos persuadidos de que a luz brilhará diante de seus olhos, como iluminou os homens de boa-fé que, há 50 anos, quiseram estudar esse problema do Além, tão temível e tão misterioso, antes dessas descobertas.

* * *

No livro *A Evolução Anímica*, publicado em 1897, Delanne apresentou um estudo geral da vida entre os seres organizados, uma análise bem pormenorizada do perispírito e como ele pôde adquirir as propriedades funcionais. Num outro capítulo, tratou da memória e das personalidades múltiplas.

Como as obras anteriores, esse livro apresenta um interesse considerável e sua leitura é necessária a toda pessoa que deseje conhecer o Espiritismo. A teoria da reencarnação é nele apresentada claramente:

“Com a certeza das vidas sucessivas e da responsabilidade dos atos, muitas questões se apresentarão sob outros aspectos.

As lutas sociais, que tomam, em nossa época, um terrível caráter de aspereza, poderão ser amenizadas pela convicção de que a duração de uma existência nada mais é do que um movimento transitório na eternidade da evolução.

Com menos orgulho para os do alto e menos inveja para os de baixo, uma solidariedade efetiva nascerá, ao contato com essas consoladoras doutrinas e por certo nos será permitido ver desaparecer as lutas fratricidas, estúpidos produtos da ignorância, dissipando-se diante dos ensinamentos de amor e de fraternidade, que são a brilhante coroa do Espiritismo.”³²

Tais palavras são hoje bem atuais; apresentam uma importância cada vez maior, porque são confirmadas pelos fatos e encon-

tram sua consagração graças à continuidade do esforço perseverante dos homens de boa vontade.

* * *

A obra mestra de Gabriel Delanne é, sem contestação, *As Aparições Materializadas dos Vivos e dos Mortos*; esses dois volumes, por si sós, forneceriam matéria para numerosos volumes de comentários.

Digamos simplesmente que, no primeiro volume, Gabriel Delanne não deixa sem resposta nenhuma das objeções que são feitas à existência da alma dos vivos. Para prová-lo, fornece uma documentação extraordinária, baseada em múltiplas experiências científicas.

No segundo volume, mostra a analogia existente entre o que se passa durante a vida dos seres e o que acontece quando, não tendo mais o corpo físico, podem, todavia, manifestar sua sobrevivência através de comunicações *post mortem*.

Daqui a alguns séculos, quando os historiadores desejarem tornar conhecido o que havia na época da barbárie, quando existiam materialistas, os humanos dessa época ficarão muito espantados ao constatarem que os metapsiquistas nada tinham inventado.

Todas as suas supostas descobertas estão nos livros dos espíritos, que eles desdenham.

Provas constantes se encontram, ao percorrermos as páginas de *As Aparições Materializadas dos Vivos e dos Mortos*.

É verdade que Gabriel Delanne, sábio de linguagem clara, empregava os termos comuns, enquanto que os metapsiquistas julgavam necessário, para se fazerem interessantes aos olhos das massas ingênuas, inventar termos de pronúncia difícil.

Dezembro 1927 – Janeiro 1929

Paris – Butry

CAPÍTULO III

O Espiritismo e os sábios

Arago

Opinião do célebre Arago, considerado o maior sábio do século XIX e que, assistindo aos começos do Espiritismo, exclamava, em presença do caráter maravilhoso dos fenômenos:

“Àquele que, fora das matemáticas puras, pronuncia a palavra impossível, falta-lhe prudência.”

William Crookes

Opinião de William Crookes, célebre físico inglês, que descobriu o tálium, tornou conhecido o estado radiante, inventou o radiômetro, experimentou os raios catódicos e facilitou o estudo dos Raios X (tubos de Crookes):

“Tendo me assegurado da realidade dos fenômenos espíritas, seria uma covardia moral recusar-lhes meu testemunho.”

Após seis anos de experiência sobre o Espiritismo, durante os quais imaginou numerosos aparelhos destinados a permitir controle científico e registrar os fenômenos, William Crookes escreveu a propósito desses fatos espíritas:

“Não digo que isso é possível; digo que existe.”

Oliver Lodge

Opinião de Oliver Lodge, outro grande físico inglês, cujos trabalhos no domínio da eletricidade, notadamente a teoria dos íons, são ensinados no mundo inteiro:

“Falando por minha conta e com todo o sentimento de minha responsabilidade, constatei que, como resultado de minha investigação no psiquismo, adquiri, após longo tempo e gradualmente, a convicção, e estou agora convencido, após mais de 20 anos de estudos, não apenas que a continuidade da existência pessoal é um fato, mas que uma comunicação

pode ocasionalmente, com dificuldade e em condições especiais, nos chegar através do Espaço.”

Esse assunto não é dos que permitem uma conclusão fácil; as provas só podem ser conseguidas por aqueles que a elas consagram seu tempo e um estudo sério.”

Prosseguindo suas pesquisas, esse ilustre sábio, que é, ao mesmo tempo, Reitor da Universidade de Birmingham e membro da Academia Real, escrevia ainda:

“Eu me considero espírita, porque aceito os fenômenos como realidade.”

Num de seus mais belos livros, *A Sobrevivência Humana*, pode-se ler:

“Os testemunhos em favor da sobrevivência do homem, isto é, em favor da continuidade da inteligência humana e da personalidade individual além da morte do corpo, têm sido acumulados e tendem agora a se tornar irrefutáveis.”

Afinal, após 30 anos de pesquisas e de experiências, Sir Oliver Lodge foi levado a formular esta frase capital, num discurso pronunciado em Walmorth, a 22 de novembro de 1914:

“Minha conclusão é que a sobrevivência está cientificamente comprovada por meio da investigação científica.”

O livro *Raymond ou A Vida e a Morte*, no qual o grande sábio inglês confirma todas as suas convicções espíritas a propósito dos fenômenos que se seguiram à morte de seu filho, teve retumbantes efeitos no mundo inteiro. O eminente físico escreveu em seu prefácio:

“A perspectiva de prestar serviço me faz desprezar facilmente as zombarias daqueles a quem me exponho. Tenho a esperança de consolar algumas almas aflitas, dando-lhes a certeza de que é possível se comunicarem com os que estão do outro lado do abismo.”

Cesare Lombroso

Opinião do Professor Lombroso, da Universidade de Turim, ilustre criminalista italiano, que combateu por muito tempo as teorias espíritas, mas concordou em estudá-las:

“Sou forçado a formular minha convicção de que os fenômenos espíritas são de uma enorme importância e que é dever da Ciência dirigir sua atenção, sem prevenções, sobre essas manifestações.”

Esse sábio emitiu ainda este testemunho preciso:

“Tratam o Espiritismo de fraude, o que dispensa comentário. Estou confuso por ter combatido a possibilidade dos fenômenos espíritas.”

Alfred Russel Wallace

Opinião do naturalista Russel Wallace, rival de Darwin e presidente da Sociedade Inglesa de Antropologia:

“Eu era um materialista tão completo e tão convicto, que não podia haver em meu espírito qualquer lugar para uma existência espiritual. Os fatos, porém, são coisas obstinadas e me convenceram. Os fenômenos espíritas são tão comprovados como os fatos de todas as outras ciências.”

Camille Flammarion

Opinião de Camille Flammarion, o célebre astrônomo francês, cujos trabalhos notáveis permitiram a vulgarização da ciência astronômica em todos os meios:

“Não vacilo em dizer que aquele que declara os fenômenos espíritas contrários à Ciência não sabe do que fala. Com efeito, na Natureza não há nada oculto ou sobrenatural; há o desconhecido, mas o desconhecido de ontem se torna a verdade de amanhã.”

É oportuno lembrar aqui que Camille Flammarion publicou, alguns anos antes de sua morte, uma obra em três volumes intitulada *A Morte e o seu Mistério*, verdadeiro monumento para

a glória do Espiritismo, na qual o Mestre acumula fatos precisos de observações ou de experiências.

William Barrett

Opinião do Professor Barrett, da Universidade de Dublin:

“Sem dúvida, de nossa parte, cremos que há alguma inteligência ativa atrás do automatismo (escrita mecânica, tranSES e incorporações) e, além disso, uma inteligência que é mais provavelmente a pessoa morta, que afirma ser o que não podemos imaginar.

É impossível achar outra solução para o problema dessas mensagens e dessas correspondências cruzadas, sem imaginar uma tentativa de cooperação inteligente entre certos espíritos desencarnados e os nossos.”

Hans Driesch

Opinião do Professor Hans Driesch, titular da cátedra de Filosofia, na Universidade de Leipzig:

“Não pode ser negado que há fatos de Parapsicologia que são capazes de tornar a hipótese espírita materialmente (e não mais simplesmente, logicamente) possível e mesmo provável.”

M. C. Varley

Opinião de M. C. Varley, engenheiro chefe das Companhias de Telégrafo Internacional e Transatlântico, inventor do condensador elétrico, que permitiu resolver o problema do telégrafo submarino:

“O ridículo que os espíritas sofreram parte dos que não tiveram coragem nem interesse em fazer algumas pesquisas antes de atacar o que ignoram.”

E numa carta a Crookes, Varley acrescenta:

“Não conheço o exemplo de um homem de bom senso que, tendo estudado com cuidado os fenômenos espíritas, não se haja rendido à evidência.”

Duclaux

Opinião de Duclaux, diretor do Instituto Pasteur, numa conferência feita no Instituto Geral Psicológico:

“Não sei se vocês são como eu, mas esse mundo povoado de influências que nós sofremos sem o conhecer, penetrado desse “*quid divinum*” que adivinhamos sem ter o detalhe, pois bem, esse mundo do psiquismo é mais interessante do que aquele no qual está confinado nosso pensamento.

Tratemos de abri-lo às nossas pesquisas: lá existem imensas descobertas a fazer em proveito da humanidade.”

* * *

Os homens de ciência que concluíram em favor do Espiritismo – após tê-lo seriamente estudado, com a mesma atenção, a mesma paciência e a mesma liberdade de pensamento que usaram para estudar as outras Ciências – são cada vez mais numerosos.

Não os podemos citar todos. Muitos deles registram seus trabalhos em obras pouco conhecidas. Como exemplo, citamos:

A. de Morgan, eminente matemático, presidente da Sociedade de matemática de Londres, secretário da Sociedade Real Astronômica, que, após dez anos de experiências, condensou suas pesquisas no livro *From Matter to Spirit*;

M. Barkas, membro da Sociedade de Geologia de New Castle, que escreveu *Outlines of Investigation into Modern Spiritualism*;

Hodgson, Professor da Universidade de Oxford, que publicou suas convicções em *Spirit Identity*;

Robert Hare, Professor de Química na Universidade da Pensilvânia, autor da obra *Recherches Expérimentales sur les Phénomènes Spirites*;

Fredrich Myers, autor da magnífica obra *La Personnalité Humaine et sa Survivance*;

o professor de Geologia Denton; os doutores Georges Sexton, Chambers e James Gully.

Os fatos foram também estudados na França, na Rússia, na Itália e em outros países por muitos experimentadores científicos que lhe confirmaram a exatidão.

Camille Flammarion, Paul Gibier, Gabriel Delanne, Gustave Geley, Léon Denis, etc., publicaram obras com autoridade, e a literatura espírita aumenta todos os dias de forma notável.

Sobre o benefício da realidade material do fenômeno espírita, deve-se assinalar as fundações, em Paris, de Jean Meyer: o Instituto Metapsíquico Internacional, reconhecido de utilidade pública, e a “Maison des Spirites”, que, sob a direção esclarecida de eminentes pesquisadores, estudam metodicamente as manifestações da mediunidade sob todas as formas.

Não se pode falar das relações entre o Espiritismo e os sábios sem destacar notáveis trabalhos do professor Crawford, do Colégio de Belfast, que, ele próprio, nitidamente concluiu pela intervenção de entidades diretoras nos fenômenos do Espiritismo.

Na Itália, o astrônomo Porro, o professor Santoliquido, Ernesto Bozzano; na Rússia, os professores Aksakof, Ochorowicz, etc., trouxeram sua preciosa contribuição à causa espírita.

CAPÍTULO IV

O Espiritismo e os escritores, filósofos, etc.

O grande poeta Victor Hugo era francamente espírita. Escreveu ele:

“Evitar o fenômeno espírita, negar-lhe a atenção a que tem direito, é negar a verdade.”

O Padre Lacordaire, célebre pregador, escrevia, na época de Allan Kardec, à senhora Swetchine:

“Vistes as mesas girarem e as ouvistes falar? Desdenhei de vê-las girar, como uma coisa muito simples, mas as tenho ouvido e também feito falar. Elas me disseram coisas muito notáveis sobre o passado e sobre o presente.”

Citemos ainda estas duas opiniões de escritores franceses.

Auguste Vacquerie:

“Creio nos espíritos batedores da América, atestados por 15.000 assinaturas.”

Eugène Bonnemère:

“Eu ri, como muita gente, do Espiritismo, mas o que eu tomava como o riso de Voltaire era o riso do idiota muito mais comum do que o primeiro.”

O grande filósofo alemão Schopenhauer escreve em suas *Mémoires sur les Sciences Occultes*:

“Sim, os fatos de telepatia, sim, os da adivinhação existem; o ausente aparece, portanto, ao ausente; o moribundo, a milhares de quilômetros, se mostra a seu amigo...”

E eis que esse discípulo de Kant dá um passo a mais e ousa declarar possível:

“Em nome do método correto e da especulação séria, essa coisa formidável: as aparições de espíritos, uma certa comunicação dos vivos com os mortos...”

Aqui estão a opinião de dois grandes filósofos franceses contemporâneos:

Boutroux

Membro da Academia Francesa, Boutroux escrevia:

“Um estudo amplo, completo do psiquismo não oferece apenas um interesse de curiosidade, mesmo científico, porém ainda interessa muito diretamente à vida e ao destino dos indivíduos e da humanidade.”

Bergson

Professor do Colégio de França, cujas doutrinas sobre a evolução causaram uma agitação enorme no mundo inteiro, dizia Bergson, numa conferência sobre *A Alma e o Corpo*, em 28 de abril de 1912:

“Se, como temos tentado demonstrar, a vida mental ultrapassa a vida cerebral; se o cérebro se limita a traduzir em movimentos uma pequena parte do que se passa na consciência, então a sobrevivência se torna tão verossímil que a obrigação da prova caberá a quem nega, bem mais do que a quem afirma, pois a única razão para crer na extinção da consciência após a morte é que se vê o corpo desorganizar-se, e essa razão não tem mais valor se a independência da quase totalidade da consciência a respeito do corpo é, ela também, um fato que se constata.”

Agora, a opinião do bem conhecido escritor Victor Margueritte:

“Creio que tudo que viveu na Terra não pode desaparecer. O espírito não pode ser aniquilado...”

Em existências sucessivas, o espírito se desenvolve, progride... Porque, em nosso mundo, nada existe, além da educação... Espírito, educação, é preciso sempre retornar...”

E, afinal, a opinião de Ford, homem de negócios, na América, o criador da grande indústria automobilística:

“Pois bem, não há outra vida, só existe esta, que continua, continua sem cessar e que se realiza cada vez mais. A vida não pode morrer. Longfellow tinha razão: “Não há morte. Isto não é poesia, é Ciência. A vida que pudesse morrer não seria vida.”

A vida é perfeita e contínua. As faculdades intelectuais do indivíduo remontam a centenas de séculos. O que chamamos de conhecimentos inatos não é, em suma, mais do que a herança de existências anteriores.”

A lucidez e a prestidigitação ³³

Quiseram fazer dos prestidigitadores os árbitros da realidade dos fenômenos psíquicos.

É útil apresentar aqui a opinião do mais célebre dentre eles, Robert Houdin, numa carta ao Masquês E. de Mirville:

“Voltei dessa sessão espírita tão maravilhado quanto foi possível e persuadido de que é impossível o que o acaso ou a habilidade possam jamais produzir efeitos tão surpreendentes. Minha arte de prestidigitador é incapaz de reproduzi-los.

O Espiritismo

O Espiritismo prova, pela observação direta e pela experiência:

- 1º) a existência, no ser humano, de um *duplo fluídico*, envoltório imperecível da alma e arquivo do corpo físico;
- 2º) que a alma, entidade imaterial individualizada, e seu envoltório fluídico (perispírito), invisível nas condições ordinárias, se destaca, pela morte do corpo físico, e sobrevive no mundo espiritual;
- 3º) que, sendo preenchidas certas condições, os espíritos (almas desencarnadas) podem, com auxílio de seu perispírito, manifestar-se de diversas maneiras aos vivos e lhes transmitir mensagens pessoais.

O Espiritismo nos ensina:

- a) que a alma humana é progressiva e que evolui para a perfeição, de vida em vida, de grau em grau, através das provas e vicissitudes sem número, que a despojam de suas imperfeições e a purificam;
- b) que não há julgamento sem apelação diante da justiça divina, que toda falta é reparável e deve ser reparada;
- c) que o progresso moral e social interessa, de igual modo, a todos os homens;
- d) que a prática do bem e da fraternidade é a lei inevitável da ascensão individual e coletiva.

Estudai o Espiritismo!

Apêndice

1

Origem da União Espírita Francesa

Em 4 de setembro de 1882, houve em Paris, na sede da Sociedade da Rua dos Petits-Champs, uma reunião de espíritas, na qual foram discutidas questões, apresentadas por nossos confrades da Bélgica, para a criação de uma Federação Francesa.

Um pouco mais tarde, Leymarie, estando na Bélgica, escreveu de Liège, em 22 de setembro, a um espírita parisiense, uma carta da qual extraímos a seguinte passagem:

“Havia aqui uma profunda cisão entre os espíritas belgas. Pude apaziguar os conflitos e, nesta noite, espero que haja uma geral reconciliação e, se minha presença conseguir esse resultado, bendirei todos os meus esforços.

Por que o que acontece aqui não aconteceria em Paris? Deveis me ajudar, meu amigo; vossos pais, sendo devotados à nossa Doutrina, devem esquecer os incidentes que conseguiram perturbar a harmonia.

Não poderíamos nós, dando-nos as mãos, nos unir e nos amar, ser o exemplo da conciliação e do esquecimento do passado, criando seriamente a base da sociedade espírita futura?”

Diante de um tal apelo à conciliação, o dever de todo espírita sincero era corresponder.

Uma Comissão se formou, tendo por objetivo agrupar os dissidentes e, ao mesmo tempo, estudar um projeto de Estatuto para a futura Federação Francesa.

Terminados os trabalhos, a Comissão expôs os resultados, diante de uma Assembléia de 150 pessoas, na Rua Saint-Denis.

Elaborado o Estatuto, foi aprovado por unanimidade, e logo vários assistentes queriam fundar a Federação sob o título de União Espírita Francesa.

Observou-se, então, que não se poderia fazê-lo, porque não se estava numa Assembléia Geral, capaz de representar todos os espíritas franceses.

Foi então resolvido dirigirmo-nos à sede da Sociedade, na Rua dos Petits-Champs, onde uma outra reunião seria realizada no domingo, 19 de novembro.

Foi-se para lá. O presidente fez a leitura de uma série de questões relativas à constituição de uma Federação Francesa e Belga. Em seguida, leu-se um projeto da União Espírita Francesa, incluindo a criação de um jornal bem barato, para órgão da Associação.

Na discussão, prevaleceu o princípio de uma Federação ou União Espírita Francesa, sem prejuízo das ligações que mais tarde se pudessem formar com outros países.

Sendo muitas as questões referentes à organização dessa Federação, foi decidido, por proposta de Leymarie, que se nomeasse uma Comissão Mista, cuja finalidade era preparar um trabalho para ser submetido à apreciação de uma Assembléia Geral, a única que seria qualificada para tomar resoluções definitivas.

Pôde-se ver, então, um comovente espetáculo: os espíritas dissidentes se apertarem as mãos e se tratarem como irmãos, reinando a alegria e a concórdia em todos os corações.

Leymarie, no decurso da reunião, ofereceu, graciosamente, a sede da Sociedade para realizarem as sessões da Comissão, o que foi aceito, marcando-se uma reunião para domingo e outra para quarta-feira.

Uma sessão bem curta foi feita naquela mesma noite e a Comissão, inspirando-se nos debates da Assembléia, adotou o título de Federação (ou União) Espírita Francesa.

A segunda sessão realizou-se na quarta-feira seguinte, 22 de setembro.

A Comissão ia continuar seus trabalhos, quando um de seus membros, o senhor Vautier, declarou que, sendo o administrador da Sociedade Anônima para continuação das obras de Allan Kardec, não podia permitir que, no local daquela Sociedade se fundasse um novo jornal, porque, afirmava ele, isso era nocivo aos interesses da *Revista Espírita*.

Tentou-se demonstrar-lhe que não seria assim e que a difusão de nossas idéias não poderia prejudicar a livraria espírita e que, além disso, se aceitara a Sociedade Espírita como sede da Comissão proposta de Leymarie.

Nenhuma dessas explicações demoveu o aparteante de suas idéias, e um dos membros propôs que a reunião fosse feita em sua casa, o que foi aceito.

A Comissão, para ficar no exercício de seu mandato, continuou seus trabalhos, apesar da abstenção de algumas pessoas, que se retiraram, pretendendo um projeto para uma Federação Franco-Belga.

Veremos um rápido relato da reunião havida em Paris, a 24 de dezembro último, no salão da Redoute, à Rua J. J. Rousseau, 35, na presença de mais de 400 pessoas.

Discurso sobre Deus

(por Gabriel Delanne)

Senhoras e Senhores,

Lançamos hoje os alicerces de uma grande e fecunda obra para o futuro: os membros da família espírita, dispersos, após a morte de nosso mestre Allan Kardec, vão se reunir novamente.

A Doutrina vai tomar um grande impulso, graças a nossos esforços comuns.

Estudaremos, sob a direção dos espíritos, as grandes questões que tratam da imortalidade da alma; porém, para nos apoiarmos em base sólida, em nossas pesquisas na busca da verdade, convém que nos entendamos sobre o ponto de partida de nossos trabalhos.

A questão da existência de Deus é a mais grave que se possa apresentar; eis por que acho necessário estudá-la convosco, sob o ponto de vista espírita.

Todas as religiões antigas fizeram uma falsa idéia da Divindade; consideravam-na como uma emanção idealizada da personalidade humana e não como um ser concreto e distinto de nós; elas lhe reconhecem um poder superior ao da humanidade, mas, ao mesmo tempo, lhe atribuíam a maior parte das paixões.

Essa concepção era a resultante do estado geral dos espíritos.

O princípio espiritual do homem, devendo sofrer evoluções sucessivas, antes de alcançar a perfeição, não podia, nas primeiras idades, oferecer uma idéia justa do Ser Supremo, que chamamos Deus.

Quanto mais o espírito se desenvolve, mais suas faculdades intelectuais progridem; a evolução, seguindo seu curso incessante, favorece a eclosão das novas idéias; a Ciência, ampliando a compreensão humana, recua as margens impostas pela ignorância e pelo preconceito; as faculdades se engrandecem e se elevam; a noção da Divindade é relacionada com o progresso do

espírito, e um Deus que reina em nosso pequeno mundo não basta mais à alma que descobriu a infinidade do Universo.

A ajuda que a Ciência deu ao gênio humano fê-lo penetrar nas profundezas do vazio. O espírito se lança nos espaços, graças à visão telescópica, e descobre milhares de mundos girando no éter e lançando suas esplêndidas harmonias nos celestes campos da imensidão.

É diante desses horizontes, recentemente abertos à investigação humana, que o espírito maravilhado concebe o Criador de todas as coisas, tão acima de nós que só um esforço da razão pode fazer com que o entendam.

A ordem, a grandeza e a majestade reinam por toda parte; tudo demonstra a bondade, a justiça daquele de quem todos os esplendores são apenas pálido reflexo.

Não, o Deus moderno não é mais esse poder implacável e vingativo, que condena eternamente o homem pela falta de um momento.

Não, a sombria divindade da Bíblia não reina mais sobre nós, como uma perpétua ameaça.

Não é mais o Jeová rancoroso que ordenava a degola dos que não acreditavam nele e que fazia curvar milhares de homens sob o vento da cólera, como um roseiral sob o vento furioso.

O Deus moderno nos apareceu como a expressão da mais perfeita das ciências e das virtudes.

Sua inteligência suprema se manifesta no admirável entrosamento das forças que dirigem o Universo; sua bondade, pela lei da reencarnação, nos permite resgatar nossas faltas pelas expiações sucessivas, e nos elevar, gradativamente, até sua infinita majestade.

Nossas relações com os espíritos nos sustentam nos duros combates da vida e nos dão uma energia constante, para atingir o fim a que estamos destinados.

Em face desses ensinamentos de amor e de caridade, desmoronam as velhas lendas que faziam mergulhar nossos espíritos num dogmatismo absurdo e tirânico.

Já não é mais necessário elevar nossos olhares para a abóbada celeste, a fim de nos convenceremos de Deus.

Neste ínfimo globo que habitamos, a Terra mostra, sem cessar, aos nossos olhos o emocionante quadro de suas transformações. As estações seguem seu curso, os corpos se combinam, a vida circula sobre o planeta, juntando e desagregando as moléculas, segundo leis inelutáveis.

Quais são essas leis? É o que, desde 4.000 anos, o homem busca estabelecer.

Mal percebe algumas poucas diretrizes e já se crê elevado ao píncaro dos conhecimentos humanos.

A atração planetária é um fato que ele constata, sem explicá-lo; a eletricidade é um fluido que ele só conhece por seus efeitos; a luz, o calor, quantos mistérios para o homem que procura aprofundar sua constituição íntima.

Todavia, as leis que produzem esses fenômenos têm entre si analogias que denotam uma identidade de origem. Todas elas se cumprem maravilhosamente, tão logo se apresentem as circunstâncias em que se possam exercer. É preciso, pois, que exista uma força incessante que as faça agir.

Dir-se-á que tal molécula tem afinidade por uma outra; que isso é a causa das combinações; porém, que é essa afinidade?

Quem dotou a matéria dessas atrações e repulsões? Dizer que ela as possui de toda a eternidade é recuar o problema e não resolvê-lo, porque chegamos, pelo estudo da Mecânica Celeste, à necessidade de uma causa primária inicial.

Além disso, na Natureza, tudo é harmonia; os corpos se unem, em proporções definidas, isto é, há para cada corpo uma determinada quantidade de matéria que se combina, quaisquer que sejam as condições nas quais façamos a experiência.

Tudo vibra, na Natureza, em acordes harmônicos, em condições determinadas por uma inteligência, contudo as leis das quais resulta essa harmonia lhe são superiores, pois a causa é sempre maior do que o efeito.

Se essas observações são verdadeiras no mundo material, vamos ver que elas o são igualmente no mundo espiritual, cuja existência nos é demonstrada, de uma forma irrefutável, pois faz parte de nossa crença.

Sabemos, pelos espíritos, que eles próprios obedecem a regras que lhes são impostas. Ora, continuando a aplicar minha teoria, direi: supondo mesmo que a matéria sempre haja existido e que obedeça a leis eternas, que possuía desde a origem, pedirei aos materialistas que me digam de onde vem o princípio espiritual, que é independente da matéria, que se manifesta de mil formas diferentes em nossas reuniões, conforme constatamos cada dia.

Esse princípio também tem leis às quais se é forçado a obedecer, e que são evidentemente superiores ao espírito, pois o dominam.

Daí concluímos por uma força eficiente que chamamos Deus, governando a matéria e o espírito!

Disso resulta, pelo visto, que o Deus que compreendemos é a infinita grandeza, o infinito poder, a infinita bondade, a infinita justiça!

É a iniciadora, por excelência; é a força incalculável, a harmonia universal!

É Deus que paira acima da Criação, que a envolve com seus fluidos, que a penetra por sua razão. E por ele que os Universos se formam, que as massas celestes apresentam seus esplendores deslumbrantes, nas imensidões do Infinito.

É por Ele que os planetas gravitam nos espaços, em torno dos focos luminosos, formando brilhantes auréolas de sóis.

É Deus a vida eterna, imensa, indefinível, é o começo e o fim, o Alfa e o Ômega.

É Ele que, no abismo dos tempos, quis que o Universo existisse e a poeira cósmica entrou em movimento.

É por sua vontade que as admiráveis leis da matéria desenvolvem no infinito as combinações maravilhosas que produzem tudo o que existe.

É sua razão sem limites que ordenou tudo fosse feito em vista de um efeito inteligente.

É sua justiça que traçou em caracteres indeléveis as leis de fraternidade e solidariedade que se fazem sentir entre os homens e os mundos.

É sua bondade inefável que deu ao homem, incessantemente, o meio de conseguir a felicidade através das encarnações sucessivas.

Oh! Deus poderoso, que minha razão ao menos compreenda, Criador de todas as coisas!

Não te posso definir, mas te adoro em tuas obras. Anulo minha personalidade pensante diante de ti; sei que, por menor que me tenhas feito, tu me vês e me sustentas e que, por tua ajuda, chegarei à perfeição.

Eis por que bendigo teu nome, ó Pai e Criador de todas as coisas!

(Vivos aplausos)

3

Discurso de Léon Denis

Sob a presidência do Dr. Josset, sendo secretários Chaigneau e Gabriel Delanne.

Após o discurso de Gabriel Delanne, sobre a “Existência de Deus”, a palavra é então dada a nosso irmão Léon Denis, vindo de Tours.

Após ter descrito a situação moral que o ceticismo, de um lado, e a superstição cega, do outro, fazem à sociedade moderna, Delanne demonstrou o que poderiam realizar as forças sociais, essas imensas forças, infelizmente esterilizadas pelo ódio, no dia em que elas fossem fecundadas pela lei, pela fé esclarecida, racional, a fé que o conhecimento da filosofia espírita pode oferecer aos homens.

Diante dos males que ameaçam o mundo, entregue aos assaltos do materialismo e das paixões brutais, todo espírita precisa compreender que lhe cabe uma grande tarefa.

A primeira, dentre todas, vemos no objetivo da vida, discernimos nas leis que regem a evolução dos seres, possuímos esse tesouro inesgotável de consolação, de verdades que confortam as almas, estimulando-as na senda do bem, do progresso intelectual e moral.

Nossa responsabilidade é proporcional à extensão de nosso saber, de nossos conhecimentos.

Temos o dever de comunicar a todos as verdades que são nosso tesouro, de propagar para o mundo esse ensino regenerador.

Em vão os obstáculos se acumulam à nossa frente.

Apoiados, sustentados pela legião dos espíritos de luz, combateremos com sucesso o bom combate, triunfaremos sobre as dificuldades, imporemos a todos o amor ou, pelo menos, o respeito às nossas crenças.

E que não nos falem sobre a carência de recursos e a humilde situação dos espíritas.

Todas as grandes idéias, todas as doutrinas novas foram difundidas pelos pequenos, pelos humildes – por exemplo, os primeiros cristãos.

Como eles, nós temos a fé. Mais do que eles, temos conosco a razão e os fatos. Só nos falta a união, a união dos corações e dos esforços.

Criais uma Associação que reúne todos os Grupos da França, uma Associação dirigida por homens inteligentes, experimentados, designados por eleição e que trazem, com um absoluto desinteresse material, um devotamento sem limites à causa que servimos.

Criais um poderoso Centro, que imprime um vigoroso impulso aos estudos e à propaganda do Espiritismo, um meio onde não há lugar para as dissensões, as rivalidades, as questões pessoais.

Todas as questões materiais devem desaparecer, diante da grandeza dos interesses que defendemos.

Unamo-nos, apoiemo-nos uns aos outros, fundemos uma obra de fraternidade, uma obra que agrupe num feixe nossas forças, nossos meios de ação, que os faça convergir para um fim elevado, para esse objeto constante de nossa solicitude, de nossas meditações: o progresso moral, a regeneração da humanidade.

Comentário sobre o discurso de Léon Denis

“O que não nos foi possível transcrever foi o calor, a inspiração, a majestade da linguagem do eminente conferencista. A assembléia estava presa aos seus lábios; sentia-se virar sua alma, sob os acentos emocionantes do orador. Outrossim, essa improvisação foi muitas vezes interrompida por entusiásticos aplausos.”

Fonte bibliográfica:
“*Foundation de l’Union Spirite Française*”
(*Compte Rendu*, 1883)

Estatuto da União Espírita Francesa

E a fundação de um jornal, adotado pela
Assembléia Geral de 24 de dezembro de 1882.

Título Primeiro

Para dar novo impulso ao Espiritismo na França, um certo número de espíritas e dirigentes de Grupos, de Paris, se reuniram e formaram uma Comissão Provisória para organizar a União Espírita Francesa.

Título Segundo

- Art. 1º – A União tem por finalidade o conagraçamento dos espíritas franceses, o estudo de todos os fenômenos espíritas e a difusão da filosofia e da moral do Espiritismo por todos os meios que as leis autorizam e, principalmente, pela publicação de um jornal bimestral, tendo por título: *O Espiritismo*, órgão da União Espírita Francesa.
- Art. 2º – Essa Associação se denominará União Espírita Francesa. Sua sede provisória é na Galeria de Valois, 167, no Palais Royal, onde se realizarão as reuniões, na primeira sexta-feira de cada mês, às 8 horas.
- Art. 3º – As questões políticas e polêmicas religiosas não serão permitidas.
- Art. 4º – A União se compõe de membros titulares, honorários e correspondentes.
- Art. 5º – Todos os titulares, homens ou mulheres, são elegíveis a quaisquer funções, que são eletivas e totalmente gratuitas.

Art. 6º – O ano social começa em 31 de março e as eleições administrativas serão realizadas na segunda quinzena de abril.

Título Terceiro

Art. 7º – A União será administrada por uma Comissão Central de pelo menos 30 membros, nomeados pela Assembleia Geral. Será nomeado um presidente titular, encarregado de representar a União nos relacionamentos com as autoridades.

Art. 8º – Para cada sessão a Comissão escolherá seu presidente dentre seus membros.

Atribuições da Comissão

Art. 9º – As principais atribuições da Comissão são:

- 1) o cuidado pelos interesses da Doutrina e por sua difusão;
- 2) o estudo dos novos princípios susceptíveis de entrar no corpo da Doutrina;
- 3) a concentração de todos os documentos e ensinamentos que possam interessar ao Espiritismo;
- 4) a expansão dos elos de fraternidade entre os adeptos das sociedades dos diferentes países;
- 5) a correspondência;
- 6) a direção do jornal, que será o órgão da Federação, também chamada União Espírita Francesa;
- 7) a direção das sessões da União;
- 8) o ensino oral e as conferências;
- 9) as visitas e orientações às reuniões e Grupos de Paris e dos Departamentos.

Essas atribuições serão distribuídas entre os diferentes membros da Comissão, conforme a especialidade de cada um.

Art. 10º – Para atender às despesas da União, haverá uma cotização anual de seis francos.

Do Jornal

Art. 11º – A assinatura do jornal bimestral *Le Spiritisme*, com oito páginas de textos, será de quatro francos por ano.

Art. 12º – Qualquer membro que faça um donativo de cinquenta francos, adiantadamente, receberá o título de fundador.

Art. 13º – Qualquer membro que faça um donativo inferior a cinquenta francos receberá o título de subscritor.

Art. 14º – A mensalidade não poderá ser inferior a cinco francos.

Art. 15º – O jornal será o órgão da União Espírita, que designará os membros de sua direção e redação.

Observações

Pedimos a nossos irmãos em crença que nos quiserem enviar suas adesões que observem haver em nossa obra três setores distintos:

- 1) Para a Federação: seis francos;
- 2) Assinatura do jornal: quatro francos por ano;
- 3) Donativos para a fundação do jornal e atividades da Federação.

As contribuições serão recebidas por:

Delanne: Passagem Choiseul, 39 e 41

Cochet: Galeria de Valois – Palais Royal, 167

Lussan: Rua Richelieu, 21

A desencarnação de Gabriel Delanne

Jean Meyer

(Revue Spirite, março de 1926)

Nossos grandes veteranos, nossos mais caros amigos, os pioneiros da Causa em prol da qual militamos, lado a lado, nos estão deixando, um de cada vez.

Após Camille Flammarion, após Jules Potocki, um valoroso espiritista – Gabriel Delanne – acaba de deixar esta vida, a 15 de fevereiro.

O Espiritismo mundial receberá essa notícia com uma grande tristeza, uma aflição profunda.

Sem dúvida que estamos soberanamente amparados por nossas reconfortantes convicções, para aceitar com firmeza os golpes dessa “morte”, que lança, por vezes, os não-espíritas nos abismos da dor, onde nada conseguiria tirá-los.

Sem dúvida, sabemos que Gabriel Delanne já está colocado nessa pátria espiritual, cujos caminhos ele preparou para tantas almas, pelo magnífico exemplo de sua convicção, pelo admirável ensinamento de suas obras.

Temos, pela educação do espírito e pela firmeza das provas, toda a preparação necessária para receber uma tão triste notícia, de ver partir os melhores dentre nós.

Resta-nos, em nossa tristeza tão humana, a sustentação que nos dá a verdade irrefutável da sobrevivência e da continuidade do espírito consciente e ativo, muito além dos punhados de terra que os coveiros lançam sobre os túmulos.

Todavia, como nos defendermos contra uma atitude não de protesto, seguramente, porém de saudosas lembranças, sabendo que Gabriel Delanne não está mais vivo entre nós?

Um homem tão valioso para seu tempo e para seus contemporâneos, um semeador de tão úteis lições não nos deveria deixar agora.

Fazia muitos anos que ele sofria, fisicamente.

Estava doente e preso a uma dolorosa cadeira de rodas.

Para qualquer outra pessoa, menos para ele, a existência terrena teria sido apenas um martírio.

Muitos, em seu lugar, teriam pedido para sair dessa vida. Todavia, de si próprio ele tirava uma bravura que não fraquejava em nenhum instante, e sua alma, sempre bem jovem, sempre bem alerta, não se revoltava contra a adversidade dolorosa para o seu espírito.

A bem da verdade, parecia que todas as forças enfraquecidas por um corpo esgotado estavam concentradas num espírito irredutivelmente ativo e criador.

Não havia mês em que não se encontrasse em algum lugar, nas publicações espíritas, a assinatura e o pensamento encorajador de Gabriel Delanne.

No silêncio de seu retiro forçado, esse espírita sempre lutava, num ininterrupto combate, contra o erro dos incrédulos e a parcialidade dos zombeteiros, agrupava em seu derredor os que partilhavam de sua doutrina filosófica, moral e científica, e lhes prodigalizava o pão nutritivo de uma sadia massa, o alimento espiritual que fortalece as crenças entre os que a adquirem e as consolida entre os que tendem para a dúvida.

Ele preparava, compunha, publicava obra após obra.

Sabíamos que, mesmo não ignorando a situação precária de sua saúde, havia elaborado para o futuro um plano de trabalho que comportava a realização de ainda mais uma importante obra.

Ele era desses espíritas que têm o orgulho de dizer:

“Espírita sempre o fui. O tempo de minhas primeiras recordações remonta a 1860. Meu pai era espírita. Aprendi o francês ouvindo-o falar de Espiritismo, com explicações e raciocínios.

Formei minhas concepções sobre o mundo e as criaturas pela prática daqueles raciocínios.”

Entretanto, Gabriel Delanne não podia imaginar, nos dias de sua adolescência, que se tornaria um dos grandes vultos do Espiritismo kardecista em seu tempo.

O destino parecia querer conduzi-lo para outros caminhos. Jovem ainda, cursava a Escola Central das Artes e Profissões: deveria ser engenheiro eletricitista.

Assim, ele já confrontava seu pensamento com as precisões da Ciência e pode-se dizer que essa formação intelectual lhe foi um auxiliar jamais esquecido, sempre utilizado no terreno onde ele devia prosseguir uma notável obra de proselitismo.

No Espiritismo de Gabriel Delanne, na elaboração de suas obras, na ordenação de sua lógica, aparece, em todas as páginas, em todas as exposições, esse aspecto da exatidão científica, esse respeito pela verdade demonstrada, esse cuidado racional de apoiar a afirmação num testemunho preciso.

Seus primeiros estudos não o desviaram das pesquisas sobre o Espiritismo experimental, do qual houvera tido comprovação na própria família.

Nos começos de 1870, dedicou-se à Doutrina, resolutamente.

Adquiriu, então, pela observação de fenômenos verificados pessoalmente, a certeza de que nenhuma concepção materialista do mundo poderia explicar esses fenômenos essencialmente psíquicos.

Desde aquele dia, começou sua pesquisa e pode-se dizer que ele pesquisava sempre, com a mesma tenacidade, com a mesma vontade inabalável, até no momento em que fechou os olhos para reabri-los sobre as perspectivas do Além.

Ele quis conhecer todos os grandes médiuns e com eles experimentar.

Sua obra é farta em relações onde presta conta daquilo que viu, fornecendo explicação bem alicerçada na Doutrina e nos fatos.

Em 1897, fundava a *Revista Científica e Moral do Espiritismo*. Havia publicado seu primeiro livro em 1883.

Será necessário recordar os títulos das demais?

Todas as suas obras se acham hoje entre os grandes clássicos do Espiritismo e o mundo inteiro as conhece: *Pesquisa sobre a Mediunidade, A Alma é Imortal, O Espiritismo perante a Ciência, O Fenômeno espírita, A Evolução Anímica, As Aparições Materializadas dos Vivos e dos Mortos, Os Fantasmas dos Vivos, As Aparições dos Mortos, A Reencarnação*, etc.

Gabriel Delanne era presidente da União Espírita Francesa e membro da Comissão do Instituto Metapsíquico Internacional.

Morreu no momento em que ia escrever, para o *Boletim* da União, uma daquelas eloqüentes páginas que levavam a marca do mais nobre pensamento e onde ele enviava sua fraternal saudação a todos os espíritas franceses, pela próxima Assembléia Geral da União Espírita Francesa.

Infelizmente, não foi essa página que se leu no cabeçalho do *Boletim*, porém um necrológio.

O homem de bem, que acaba de cumprir sua tarefa neste mundo, tinha lamentado não comparecer ao Congresso Espírita Internacional, em setembro de 1925, por dificuldades de locomoção.

Sua voz, porém, lá se fez ouvir e, no instante em que redigimos estas linhas, parece-nos ser um dever elementar para com Gabriel Delanne dar-lhe a palavra e ouvi-lo ainda nos dizer o que ele afirmava com uma grande confiança, em sua bela mensagem ao Congresso, onde falava, como membro honorário da Federação Espírita Internacional:

“Amanhã, todos os homens de boa-fé serão forçosamente conduzidos ao conhecimento da individualidade humana, do princípio pensante da alma e, por conseqüência, da sobrevivência após a morte.

Nenhuma vã argumentação prevalecerá diante dos fortes testemunhos que emanam diretamente do além, onde a vida é mais real do que a da Terra.

Para todas as nossas pesquisas, não temamos pedir ao mundo invisível as informações necessárias.

Não nos esqueçamos de que uma falange de grandes sábios continua no Além a se interessar por nossos trabalhos. Eles se juntam aos Espíritos de Luz, que tomaram a direção do grande movimento de renovação moral e intelectual, tão necessário para o momento atual!

Solicitemos sua presença, com todas as nossas forças! Que eles nos inspirem!”

Fraternal apelo à Ciência dos homens e à Ciência dos espíritos. Era toda a vida de Gabriel Delanne, sintetizada em poucas palavras.

Agora, nosso grande amigo, nosso grande irmão, está do outro lado, junto aos nossos guias. Nossos pensamentos o acompanham em sua serena ascensão.

Não duvidemos de seu breve retorno para nós, a fim de sempre nos ajudar e esclarecer, porque a desencarnação lhe aumentará a capacidade espiritual.

Fotografias



Entrada do prédio em que está situada atualmente a Sociedade Francesa de Estudos de Fenômenos Psíquicos.



Fundos do prédio da Sociedade Francesa de Estudos de Fenômenos Psíquicos, com vista parcial do salão de reuniões.



Túmulo da família Delanne,
no Cemitério Père Lachaise.

– FIM –

Notas:

- ¹ Várias dessas pessoas estão mortas. É mais uma razão para louvá-las aqui, associando-as à lembrança de Gabriel Delanne.
- ² Ver *A Desencarnação de Léon Denis*, Edição CELD.
- ³ Ver a revista *O Espiritismo*, setembro de 1888.

⁴ Essa observação é muito importante. Prova que uma Sociedade Espírita deve ter em sua direção pessoas instruídas e de uma rigorosa honestidade.

⁵ Revista *O Espiritismo*, janeiro de 1889.

⁶ Pormenor indicado por Gabriel Delanne a Henri Regnault.

⁷ Gabriel Delanne se mostrou, em seguida, um adversário dessa forma de operar. “Se, dizia ele, boas sessões puderam ser obtidas na obscuridade – o que não é contestável –, entretanto é melhor não recorrer a elas e experimentar mais simplesmente em plena luz.”

⁸ Para a cidade e para o mundo. Em toda parte. (Nota do tradutor.)

⁹ Ver Apêndice 1, “Origem da União Espírita Francesa”.

¹⁰ *Revista Espírita*, fevereiro de 1883.

¹¹ A Sociedade Francesa de Estudos dos Fenômenos Psíquicos continuou a se inspirar na máxima proposta por seu presidente, Gabriel Delanne.

¹² Naquela época, 5.000 francos representavam uma soma com a qual já se podia tentar uma operação comercial.

¹³ Memorial redigido por Gabriel Delanne, Durville, A. Dubet e Bouvery.

¹⁴ Ver *Anais do Congresso Espírita de 1925*.

¹⁵ Ver, mais adiante, no apêndice do volume, os tópicos relativos à sua fundação, em 24 de dezembro de 1882.

¹⁶ Paul Leymarie, Editor. À venda nas Edições J. Meyer. (*)

(*) Esta obra foi editada em português, pela editora FEB. (N.T.)

¹⁷ Ver *Tu Reviverás*, por Henri Regnault, para compreender a diferença entre a resignação passiva e resignação ativa.

¹⁸ *Mens agitat molem*: início de um verso de Virgílio, em *Eneida*, VI, 727, significando que um princípio espiritual anima o Universo. Emprega-se, também, para designar tudo o que

determina o poder da inteligência sobre a matéria. (N.R., conforme o *Nouveau Petit Larousse Illustré*.)

¹⁹ Essa cifra, bem entendido, foi consideravelmente aumentada depois de 1907.

²⁰ A esses nomes pode-se hoje acrescentar muitos outros. Seriam precisas várias páginas para dar uma lista mais completa.

²¹ Os métodos de experimentação tornam-se cada dia mais nítidos e mais perfeitos.

²² Essa tendência ridícula está ainda acentuada nesses últimos anos. O orgulho científico, levado ao paroxismo, não recua diante de nenhuma mudança de termos, para assegurar o benefício moral de uma pretensa descoberta nova.

²³ Dr. Le Bon, em *A Evolução da Matéria*.

²⁴ Os espíritos chegaram a esse resultado, porque W. Crookes conservou os cabelos de Katie King.

²⁵ Allan Kardec, *A Gênese*, capítulo XIV, “Os fluidos”.

²⁶ Este trecho foi posto em destaque pelo próprio Allan Kardec.

²⁷ Metáfora – processo pelo qual se transfere a significação própria de uma palavra para outro significado que lhe convém apenas em virtude de uma comparação mental. (N.R., conforme o *Pequeno Dicionário Enciclopédico Koogan Larousse*, de Antônio Houaiss.)

²⁸ Henri Regnault publicará mais tarde um trabalho completo sobre a obra de Gabriel Delanne. Ali encontraremos sobre a vida desse sábio filósofo alguns dados inéditos, que não foram colocados aqui. (*)

(*) Até o momento não temos conhecimento de que tal obra tenha sido escrita. (N.R.)

²⁹ Não esqueçamos que esse Prefácio foi escrito em 1897.

³⁰ Escritas em 1897, essas linhas continuam verdadeiras em 1936 e, embora o Espiritismo conte com um grande número de

adeptos, a estupidez humana e a ignorância ainda não foram vencidas.

³¹ Bonzo: sacerdote de religião budista. Figuradamente: personagem marcante, um tanto pretensioso; diz-se de um homem que, já não fazendo nada e sendo incapaz de idéias renovadoras, é, no entanto, venerado como um semideus pelos seus admiradores, hipócrita, dissimulado, sonso. (N.R., conforme os dicionários *Nouveau Petit Larousse Illustré*, *Lello Universal* e *Novo Aurélio*.)

³² Ver, a propósito do Espiritismo na vida social, as obras de Henri Regnault: *Tu viverás* e *A morte não existe*, onde Henri Regnault expõe as razões pelas quais ele se envolve na vida pública, seguindo estritamente os ensinamentos de solidariedade social que decorrem do Espiritismo.

³³ Ver Henri Regnault, *Les Vivants et les Morts*, para ter a comprovação de que os prestidigitadores célebres reconheceram a realidade dos fenômenos espíritas e a impossibilidade de reproduzi-los “exatamente e nas mesmas condições”, servindo-se dos truques da prestidigitação.